

INÊS TIMÓTEO GONÇALVES

Outubro de 2019

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Projeto Final de Arquitetura 2018/19

Orientador:

Professor Doutor José Luís Possolo de Saldanha, professor auxiliar, ISCTE-IUL

Tutor:

Professor Doutor Pedro Alexandre Aguiar Mendes, professor auxiliar, ISCTE-IUL

Arquitetura. Poder. Religião.: no contexto islâmico

VERTENTE TEÓRICA

Uma vírgula na história

VERTENTE PRÁTICA

“Basically, the idea is that with everyone striving to be revolutionary, you will be most revolutionary if you try to be ordinary.”

Ao Professor Pedro Mendes, pela incansável crítica e boa disposição no trabalho.

Ao Professor José Luís Saldanha, pelo entusiasmo, confiança e às inúmeras curiosidades que enriqueceram este percurso.

Ao Professor Pedro Viana Botelho, pela generosidade de me mostrar a Arquitetura pelos seus olhos.

Aos meus colegas e amigos que desde o primeiro dia fizeram com que fosse mais fácil.

Às amigas do Magoito, tem um lugar especial no meu coração.

À Fernanda pela amável ajuda.

Pelo companheirismo, amizade, crítica e às centenas de horas passadas – nem sempre é preciso um nome – estás aqui.

À minha família por me ver e fazer crescer.

Ao Tiago, porque sem ti já não sei como seria.

Aos meus pais, por tudo, por me abrirem as portas ao mundo e por o descobrirem comigo.

o meu obrigada!

ÍNDICE GERAL

V.T.

00 INTRODUÇÃO	p. 20
01 O ISLÃO	p. 22
02 A 'CIDADE ISLÂMICA'	p. 42
03 O EDIFÍCIO DE CULTO	p. 54
04 O PODER	p. 74
05 COMENTÁRIO FINAL	p. 82
ANEXO	p. 86
BIBLIOGRAFIA	p. 98
ÍNDICE DE FIGURAS	p. 100

V. P.

A – O LUGAR	p. 109
B – ESTRATÉGIA DE GRUPO	p. 1116
C – PROPOSTA INDIVIDUAL	p. 1126

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientador:

Professor Doutor José Luís Possolo de Saldanha, professor auxiliar, ISCTE-IUL



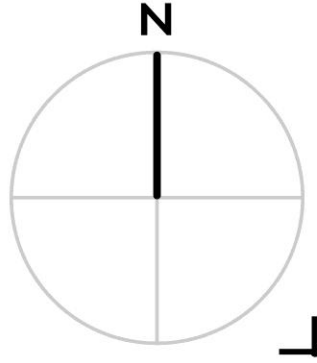
ARQUITETURA. PODER. RELIGIÃO.

NO CONTEXTO ISLÂMICO

O presente ensaio foi escrito segundo o novo acordo ortográfico.

As referências bibliográficas foram elaboradas segundo a Norma Portuguesa [NP405]

00	INTRODUÇÃO	p.11
	- ESTRUTURA E METEDOLOGIA DO TRABALHO	
01	O ISLÃO	
	01.1 - A ORIGEM DO ISLÃO	p. 24
	01.2 – OS CINCO PILARES DO ISLÃO	p. 28
	01.3 – ESPAÇO SAGRADO E ‘HIEROFANIA’	p. 30
	01.4 – O QUE É A ARQUITETURA ISLÂMICA? - APARECIMENTO DA ARQUITETURA ISLÂMICA	p. 34
02	A ‘CIDADE ISLÂMICA’	
	02.1 – ‘CIDADE ISLÂMICA’	p. 44
	02.2 – O QUE É ESPAÇO PÚBLICO NA ‘CIDADE ISLÂMICA’ - ESTRUTURA DA ‘CIDADE ISLÂMICA’: EDIFÍCIOS COM VONTADE COLECTIVA	p. 48
03	O EDIFÍCIO DE CULTO	
	03.1 – O EDIFÍCIO DE CULTO	p. 56
	03.2 – ORIENTAÇÃO ESPACIAL	p. 60
	03.3 – A MESQUITA	p. 62
	03.4 – TIPOLOGIAS DAS MESQUITAS - A MESQUITA HIPOSTILA ÁRABE - A MESQUITA DE QUATRO-IWAN - A MESQUITA DE TRÊS CÚPULAS INDIANA - A MESQUITA DE CÚPULA CENTRAL TURCA	p. 68
04	O PODER	
	04.1 – O PODER	p. 76
	04.2 – O PODER DA MEMÓRIA , CONSTRUÇÃO COMO VEÍCULO DO TEMPO	p. 80
05	COMENTÁRIO FINAL – ARQUITETURA. PODER. RELIGIÃO.	p. 82
	ANEXO: FOTOGRAFIAS VIAGEM A ISTAMBUL	p. 86
	BIBLIOGRAFIA	p. 98
	ÍNDICE DE FIGURAS	p. 100



ORIENTAÇÃO PARA MECA EM RELAÇÃO A LISBOA

RESUMO

O presente ensaio tem como base de estudo a Arquitetura Islâmica, pois considera-se importante a análise de um tema sobre o qual ainda predomina o desconhecimento e o preconceito o que, por sua vez, oculta as qualidades e verdades da cultura do 'mundo islâmico'. A arquitetura Islâmica, não sendo um termo que defina uma qualidade religiosa, deverá, ainda assim, ser compreendida como palavra que identifica um determinado tipo de arquitetura que reflete uma civilização, movida por qualidades especiais inerentes ao Islão, um fenómeno cultural.

Este estudo tem uma variação de escala, tanto física como espiritual, alternando entre a escala de cidade à escala da mesquita transitando através de fatores não construídos, como o poder religioso. Tem essencialmente, dois grandes objetivos: o primeiro surge da vontade de compreender de que maneira o edifício religioso influencia a cidade e, o segundo objetivo conhecer quais os fatores religiosos – doutrinas litúrgicas – que influenciam diretamente o espaço de culto – a mesquita. Num momento final é abordada o tema do Poder na Arquitetura, e a forma como as pessoas se relacionam com o espaço edificado. Os edifícios são o veículo, no tempo, das crenças, da memória, da caracterização social e do poder que o edifício comporta na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço público; Mesquita; 'Cidade islâmica'; Poder; Islão;

ABSTRACT

The following essay is based on the study of Islamic architecture. It is important to consider this theme, often predominated by ignorance and prejudice, so as to uncover the qualities and truths hidden within the culture of the Islamic world. Islamic architecture should not be a term which defines a religious quality, but should be understood as a word that identifies and reflects a civilization. This is driven by special qualities and a cultural phenomenon inherent to Islam.

This study has a variation of scale, both physical and spiritual, alternating between the scale of the city to the scale of the mosque. It also moves through unconstructed factors, such as religious power. There are essentially, two main objectives: the first arises from the desire to understand how a religious building influences a city and, the second, to know what religious factors, or liturgical doctrines, directly influence a place of worship, the mosque. In conclusion, the theme of power in architecture is addressed, and the way in which people relate to the built space. The buildings are the vehicle, in time, of beliefs, memory, social characterisation and the power which is held within the city.

KEYWORDS : Public Space; Mosque; 'Islamic City'; Power; Islam;

00 INTRODUÇÃO

“A crença no significado da arquitectura reside na noção de que, para o melhor e para o pior, em lugares diferentes somos pessoas diferentes e na convicção de que a tarefa da arquitectura é fazer-nos ver quem podíamos idealmente ser.”²

Este pequeno texto, como lhe gosto de chamar, nasce de um desejo de descobrir o que não se domina, transformado num apelo à curiosidade de seres pensantes entregues ao mundo da arquitetura. Por detrás das *“intuições estão experiências, viagens, contactos, estudos que são tão extensos que passam a ser material do subconsciente, que aflora quando é necessário.”³* Numa viagem feita a Sevilha, no Verão passado – o momento em que tive contato com a forte presença islâmica na cidade – percebi que o motivo para esta pequena investigação seria a descodificação do mistério desta diferente realidade.

A análise tem como base o estudo do ‘Mundo Islâmico’, que surge de uma vontade pessoal de compreender um pouco mais o papel da religião, em particular o Islamismo, no mundo e em especial no que toca à arquitetura como matéria construída. Traduz-se na construção da cidade no tempo, que cresce sobre si mesma e adquire memória de quem a ocupa.

O estudo tem uma variação de escala, tanto física como espiritual, alternando entre a escala de cidade à da mesquita transitando apoiado na matéria religiosa. *“Os símbolos referem-se apenas indiretamente a uma realidade física e contudo mostram indiretamente uma realidade mental, pensada, imaginada, feita de significados e de sentidos onde habitam os humanos.”⁴* Visto que *“construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar”⁵*, a busca pelas pluralidades transversais aos assuntos em análise é imperativa.

Uma cidade pode ser percecionada e definida por diversos elementos, por exemplo, como um tecido identificado pelas suas singularidades. Os edifícios de culto são sem dúvida um desses pontos, e o seu lugar na cidade é reconhecido por todos, inclusive por aqueles a quem não pertencem ou confessam não ter religião.

¹ DUSHKES, Laura S. – The architect says : Quotes, quips, and words of wisdom. Nova Iorque : Laura S. Dukes, 2012. ISBN 978-1-61689-093-3, p. 57.

² BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 14.

³ Siza Vieira, “A matéria luminosa”, *Roof – An IN & OUT Magazine*. Março/Abril de 2016, 50.

⁴ Fernando Savater, As perguntas da vida (Alfragide: Dom Quixote, 1999), 111

⁵ Martin Heidegger, Ensaios e conferências (Petrópolis: Editora Vozes, 2010),

O tema da religião ganha cada vez mais força na atualidade internacional, política e social, com um crescente de informação por parte dos media – o islão em exaltação desde os atentados de 11 de Setembro de 2001.⁶ Dado a tanto aparato social, o papel da arquitetura religiosa tem um desafio especialmente moroso, no dever de reunir as culturas e responder às necessidades próprias de um determinado espaço sagrado. O edifício de culto está intimamente conectado à noção de sentido e significado, ultrapassa a escala física e depende inteiramente do padrão definido pelas crenças, ensinamentos, ética, comportamentos comunitários e relações de hierarquia. Questões deontológicas justificam a forma como os utilizadores atuam e vivem o espaço. Para compreender a influência da religião no espaço sagrado pretendo auxiliar-me em instrumentos teóricos e práticos, para uma boa leitura dos mecanismos inerentes à religião em estudo. Este mesmo motor, desde sempre, que deu lugar à vida comunitária sendo uma extensão do espaço público.

Esta investigação auxilia-se na interrogação quanto ao vínculo entre religião e arquitetura, tendo como veículo de articulação o poder envolvente às duas matérias. “ *A Arquitectura não é apenas a expressão de um único poder. Reflecte e trabalha a partir de vários poderes. (...) Deste modo surge o poder colectivo, o regulador, tecnológico, económico, doméstico, cultural, mediático e o ritual. No lastro longo da relação entre homem e natureza, cultura e tecnologia estes poderes desempenharam forças de intensidade variável na produção de artefactos arquitectónicos e no desenho da cidade e do território. Hoje, face a uma importância política que desculpa e valida decisões que lesam a coisa pública e o significado das comunidades, parece haver lugar para uma nova reflexão sobre o poder.*”⁷ Podendo assim afirmar que o poder é parte reguladora da Arquitectura.

O trabalho realizado consiste numa reflexão que incide, essencialmente, sobre dois grandes objetivos. O primeiro prospera na vontade de compreender de que maneira o edifício religioso influencia a cidade. Será que existe espaço público na ‘cidade islâmica’? E um segundo, objetivo, de conhecer quais os fatores religiosos – doutrinas litúrgicas – que influenciam diretamente o espaço de culto – a mesquita.

A metodologia deste trabalho baseia-se maioritariamente em pesquisa bibliográfica, parte dela para enquadrar o estado da questão em estudo, parte para fortificar o discurso esclarecedor dos temas questionados.

Para a elaboração deste ensaio

Para além da análise da bibliográfica escolhida, também uma viagem de estudo foi realizada, para uma melhor compreensão das matérias que estavam a ser estudadas. Istambul foi a cidade escolhida, devido não só ao desejo, já antigo, de visitar a cidade mas essencialmente em virtude do passado e da formação da cidade – primeiramente de domínio romano, a capital do Império Romano do Oriente, e em 1453 a cidade foi tomada e declarada a capital do Império Otomano.

⁶ TINCQ, Henri – As grandes Religiões do Mundo – Judaísmo, Cristianismo e Islão. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2016. ISBN 978-989-8811-19-6. Vol. 1, p. 9.

⁷ CASA DA ARQUITECTURA - “Poder Arquitectura” [Em linha]. [Consult. 4 Abr. 2019]. Disponível em [www:<http://casadaarquitectura.pt/poder-arquitectura-exposicao-inaugural-do-casa-da-arquitectura/>](http://casadaarquitectura.pt/poder-arquitectura-exposicao-inaugural-do-casa-da-arquitectura/)

⁸ ROSSI, Aldo – A arquitectura da cidade. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1916-9, p. 32.

⁸ DUSHKES, Laura S. – The architect says : Quotes, quips, and words of wisdom. Nova Iorque : Laura S. Dukes, 2012. ISBN 978-1-61689-093-3, p. 57.

01

O ISLÃO

CAPITULO 01

01.1 A ORIGEM DO ISLÃO

**“A Ele pertence o Reino dos Céus e da Terra. Ele faz viver e faz morrer. É poderoso sobre tudo.”
(sura LVII.2)”⁹**

É crucial, para uma melhor compreensão desta dissertação, o esclarecimento da mundividência muçulmana e os domínios ontológicos inerentes. Islão significa, literalmente, “devoção a Deus” mais concretamente a *Allah* – o único Deus – todos aqueles que lhe são devotos são muçulmanos. Recorrentemente existe uma associação ilegítima entre árabes e muçulmanos, entende-se por árabe “o natural da Arábia; a língua dos Árabes”¹⁰ – a Arábia, corresponde, uma península no sudoeste da Ásia meridional. O termo árabe é vulgarmente utilizado para referir um muçulmano, que por definição é “relativo ao muçulmanismo ou aos adeptos de Maomé; maometano.”¹¹

O Islamismo trata-se de uma religião monoteísta, o único Deus para os muçulmanos é Allah e Maomé (Muhammad), o seu Profeta, a quem confiou a difusão da sua mensagem – o Alcorão, o livro sagrado do Islão, organizado por suras e que por sua vez são compostas por versículos, é o elemento que une os muçulmanos pelo mundo – nele estão presentes os cinco ‘pilares’ do Islão.¹²

A Cúpula do Rochedo em Jerusalém, a Mesquita dos Omíadas em Damasco, a Mesquita dos Aglábidas em Cairuão, na Tunísia, a Grande Mesquita do Califado de Córdova, em Espanha, cada um destes edifícios, hoje considerados monumentos, são a marca física na Terra do esplendor do Islão primitivo.

O período da antiga Arábia, de fé politeísta, é descrito pelo Islão como “tempo da ignorância” (*jahiliyya*) – termo islâmico para referir-se ao tempo e à sociedade anterior ao Islão. Os árabes originalmente eram devotos ao culto da natureza e dos corpos celestiais, centrado no sol, na lua e nas estrelas, o meteorito conhecido como a Pedra Negra – presente na Caaba¹³, em Meca – poderá ser considerado parte desse culto.

⁹ MACHADO, José Pedro – Alcorão. 2ª ed. Lisboa: Junta de Investigações científicas do Ultramar, 1980. p.573.

¹⁰ Dicionário da Língua Portuguesa - . Página 126.

¹¹ Dicionário da Língua Portuguesa - . Página 976.

¹² HATTSLEIN, Markus; DELIUS, Peter – Islam : art and architecture. China : Tandem Verlag, 2007 ISBN 978-3-8331-3534-7 p. 94.

¹³ A Caaba, em Meca na Arábia Saudita, é o principal local de peregrinação do Islão onde apenas a entrada de muçulmanos é permitida. O termo Caaba, em árabe significa “cubo”, descreve a forma do edifício com onze metros de dimensão construído em pedra cinzenta. De acordo com o Alcorão, a caaba foi erguida por Abrão e, o seu filho, Ismael como símbolo da sua veneração a Alá. No interior está guardada a pedra sagrada “Pedra Preta”, que de acordo com a tradição, foi trazida à terra pelo anjo Gabriel. Mesmo no período Pré-islâmico era um local importante de peregrinação. In: HATTSLEIN, Markus; DELIUS, Peter – Islam : art and architecture.

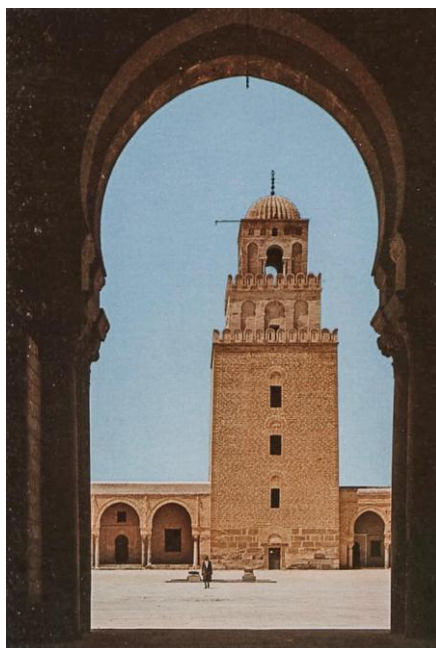


FIGURA 01

POSTAL ILUSTRADO – MINARETE MESQUITA DE CAIURÃO

O termo árabe genérico para “deus” é *ilah* e quando descrito como “o deus” é *al-ilah*, e mesmo antes de Maomé as duas palavras usualmente são contraídas em *al-lah* (Alá): deus no geral, o Único Deus em particular – frequentemente referido como “o chefe da casa”, referente à Caaba.¹⁴

O surgimento do Islão na Arábia, no século VII d.C., agitou o mundo até então, baseou-se nos sermões do Profeta Maomé feitos em Meca e em Medina – no período pré-islâmico, a cidade de Medina, era intitulada como Yathrib só mais tarde nos tempos primordiais do Islão passa a ser referida como Medinat al-Nabi, significa literalmente “a cidade do profeta”. O uso da expressão Medina resulta do abreviamento coloquial do seu nome mais extenso.¹⁵ Pouco depois da sua morte a propagação do Islão, por via de exércitos árabes, motivados pela mensagem de que eram portadores – inspirados pelas *suras* do Alcorão – deu origem a um enorme desenvolvimento urbano, com o aparecimento de novas cidades que até a data não passavam de acampamentos fortificados. Este fenómeno ocorreu em três áreas principais: o império Sassânida a nordeste (Mesopotâmia e Irão), o Império Bizantino¹⁶ (Síria e Egipto) e o Oeste (Norte de África e Hispânia).¹⁷ Um século após o início da expansão muçulmana, o domínio territorial era muito vasto, tinham alcançado um império que se estendia de Espanha às fronteiras da China. Sob este domínio, o Islão reunira assim milhões de homens que tinham criado uma nova ordem mundial.¹⁸

*“Por toda a Europa nascem focos anti-islâmicos. O mais conhecido é o Pegida (um movimento que se autoproclamou Patriotas Europeus contra a Islamização da Europa), (...)”*¹⁹. O Islão é para muitos europeus, um universo desconhecido, misterioso e do qual sentem receio. Da cultura e religião, islâmica, apenas tem conhecimento baseado em estereótipos e na propaganda fanática de grupos extremistas e terroristas. Mediante o exposto, a construção de edifícios religiosos islâmicos – fora do seu contexto civilizacional – poderá ser entendido, na maioria das vezes, como um objeto de perigo, incitando equívocos que levam a conflitos e protestos. A desconfiança sobre a comunidades islâmica surge após acontecimentos traumáticos, como o atentado do 11 de Setembro de 2011, por parte de grupos terroristas que não traduzem o valores da comunidade islâmica.

¹⁴ HATTSLEIN, Markus; DELIUS, Peter – *Islam : art and architecture*. China : Tandem Verlag, 2007. ISBN 978-3-8331-3534-7 , p. 12 e 13.

¹⁵ PETERSEN, Andrew – *Dictionary of Islamic Architecture*. Nova Iorque : Routledge, 1999. ISBN 0-415-06084-2, p. 182.

¹⁶ **Império Bizantino, ou Império Romano do Oriente, sediado em Constantinopla.**

¹⁷ MICHON, Jean-Louis [et al.] – *La ciudad islámica*. 1ª ed. Barcelona : R. B. Serjant, 1982. ISBN 92-3-301665-X, p. 15.

¹⁸ STIERLIN, Henri – *Islão : de Bagdade a Córdoba*. Colónia: Susanne Klinkhamels, 1997. ISBN 3-8228-8485-5, p. 7.

¹⁹ <http://visao.sapo.pt/actualidade/mundo/as-grandes-perguntas-que- ficam-depois-de-charlie=f807543>



FIGURA 02

POSTAL ILUSTRADO – MESQUITA DE CÓRDOBA

01.2 OS CINCO PILARES DO ISLÃO

Preeminentemente, o Islão, é uma religião caracterizada pela união, em vários níveis, ontológico, social e político. Frequentemente, Islão é traduzido em “submissão”, é a relação contratual entre o Homem e Deus, pela qual o Homem reconhece o domínio de Deus. A lei islâmica, na sua prática, baseia-se em princípios conhecidos como os ‘cinco pilares’ (*arkan*) que tem como principal objetivo a coesão da comunidade islâmica (*umma*), os deveres gerais de um muçulmano perante Alá e os seus devotos. Textualmente presentes no Alcorão, os ‘cinco pilares’ são um dever com exceção do *Hajj* e *Zakat*, cujo cumprimento depende da condição física e económica de cada um. Apenas o segundo (*Salat*) e o quinto (*Hajj*) estão diretamente relacionados com a arquitetura.

Shahada, em árabe significa ‘testemunho’, o primeiro pilar, o mais simples e importante ato religioso, é a profissão islâmica de fé. Consiste na declamação da passagem “Não há outro deus além de Alá; Maomé é o mensageiro de Alá” – pensa-se que é a repetição das palavras do arcanjo Gabriel ao profeta. Desde que a renuncia da crença em Alá é punível de morte, a *shahada*, deverá ser feita depois de uma séria reflexão sobre o tema.

Salat, o segundo pilar, é a oração ritual diária, realizada cinco vezes por dia em momentos determinados pela posição do sol – *Fajr*, ao nascer-do-sol, *Dhur*, ao meio-dia (quando o sol atinge o seu ponto máximo, ou seja, quando o ângulo solar atinge os 90°), *Asr*, entre o meio da tarde e o pôr-do-sol, *Maghrib*, logo após o pôr do sol e por fim, *Isha*, de noite (na escuridão, desde que não passe a meia noite). Em primeiro lugar, antes de qualquer ato religioso, os crentes devem realizar uma serie de abluções, desde a cara aos pés – as abluções (lavagem, em árabe *Salah*) criam um estado de pureza ritual, e ilustram a vontade de rejeição do pecado e uma aproximação interior a Deus. A oração pode ser feita em qualquer lugar, sempre em direção a Meca – a direção é indicada através da parede do *qibla* na mesquita – o que significa que todos os muçulmanos, em qualquer parte do mundo, deverão prestar a sua devoção a Deus virados para o centro religioso. A oração mais importante é a oração do meio-dia de sexta feira, quando a *salat* é dirigida por um pregador (*imã*) que profere um sermão do alto do minbar, púlpito .

Zakat, em árabe significa ‘purificação’, o terceiro pilar consiste na doação de parte da sua riqueza aos desfavorecidos. Originalmente era voluntário, mas logo no início do período islâmico passou a ser um ato obrigatório, legalmente prescrito, a “taxa dos pobre”. Nos primórdios do Islão, parte do valor proveniente do *zakat*, era utilizado para a libertação de escravos e prisioneiro. Atualmente os muçulmanos vêem, politicamente, o *zakat* como uma maneira sucedida de instituir responsabilidade social.

Saum, o quarto pilar que consiste no jejum, durante o mês do Ramadão – nono mês do calendário islâmico – originalmente era também voluntário mas mais tarde veio a tornar-se um dever religioso, para todos os muçulmanos em fase adulta – com evidente exceções tais como grávidas, mulheres em período lactante, pessoas doentes, viajantes e trabalhadores de serviços forçados. Este ritual tem como principal objetivo a purificação interior, cumprido do nascer do sol ao pôr-do-sol, os crentes abstêm-se de comer e beber, fumar e da prática de relações sexuais.

Hajj, o quinto e último pilar do Islão é a peregrinação a Meca, todos os muçulmanos adultos deverão fazer pelo menos uma vez na sua vida, desde que saudáveis e a sua viagem se realize em segurança. O *hajj* só deverá ser feito uma vez por ano, entre o oitavo e o décimo segundo dia do último mês (*Dhu l-hijja*) do calendário islâmico. Os peregrinos deverão estar em espírito de consagração (*ihram*), deverão também vestir roupa branca despojada de ornamentos – que os identifica como peregrinos –, durante a peregrinação não deverão fazer a barba, cortar o cabelo, ter relações sexuais, caçar e usar perfume. Os peregrinos quando chegam a Meca deverão circular sete vezes a Caaba (*tawaf*), e de seguida caminhar entre as colinas de al-Safa e al-Marwa, atualmente niveladas, por sete vezes – em memória das dificuldades sofridas no deserto por Hagar, amante de Abrão, e o seu filho Ismael. Os crentes bebem a água do poço de Zamzam – erguido por Deus, sobre as areia do deserto, para salvar Hagar e Ismael da morte – que supostamente tem poderes milagrosos. A chegada a este local marca o fim da parte individual da peregrinação e o início da fase coletiva da peregrinação, que ocorre entre o oitavo e o décimo segundo dia do mês *Dhu l-hijja*. O climax da peregrinação acontece no nono dia do mês no monte Arafat, situa-se a 25 quilómetros de Meca, momento em que os peregrinos permanecem em meditação – momento onde abandonam o espírito em prol da onnipotência de Deus, esta oração tem início ao meio dia e termina ao pôr-do-sol. Depois do pôr-do-sol !!!!!!!²⁰

²⁰ HATTSTEIN, Markus [et al.] – *Islam : Arte and architecture*. China: Juliane Stollreiter, 2007. ISBN 978-3-8331-3534-7, p. 20-24.

01.3

ESPAÇO SAGRADO E 'HIEROFANIA'

“Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras.”²¹

Mircea Eliade nomeia “o espaço” como não homogêneo, segundo a visão religiosa do mundo, existem espaços sagrados – que por consequência adquirem um forte significado, e existem outros não sagrados sem estrutura formal. É necessário referir que a não homogeneidade do espaço é uma prática primordial – corresponde a uma “fundação do mundo” – não se trata de algo teórico mas de uma experiência religiosa, que precede a reflexão sobre o mundo. É o ponto axial do espaço, que permite, a orientação futura.²² No caso da religião islâmica, o ponto de referência, é a Caaba, em Meca – o lugar mais sagrado do Islão, para onde todos os devotos se voltam durante as suas preces diárias.

Para a visão profana, contrariamente, o espaço mantém-se sempre na homogeneidade, relativização do espaço, não existe uma verdadeira orientação fixa – aparece e desaparece consoante as necessidades do momento.²³ Penso, que se poderá afirmar, que a visão profana nunca se encontrará num estado verdadeiramente puro. Porque se assim fosse, o mundo, existiria com uma infinidade de lugares amorfos, sem qualquer tipo de valor. Contudo o espaço profano, adquire valores que lembram a não homogeneidade específica do espaço sagrado, exemplo disso – locais privilegiados, diferenciadores dos restantes: cidade de onde são naturais, certos lugares que remetem a memórias, entre outros. Por isso, esses locais adquirem, mesmo para o indivíduo ateu, uma qualidade única e diferente de todos os outros lugares em que habita.

“O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.”²⁴ Eliade – um professor e filósofo, que focou a maioria da sua investigação na história das religiões – apresenta o conceito de “hierofania”, aparição ou revelação do sagrado. É seguro dizer que, para o homem religioso, é a materialização extrema do sagrado.

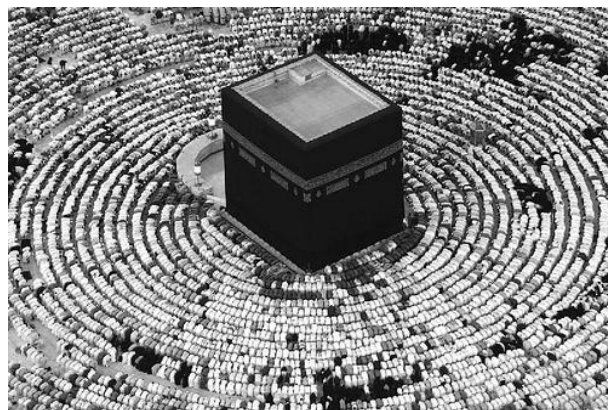
“O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou

²¹ ELIADE, Mircea – O sagrado e o profano. 1ª ed. São Paulo : Silvana Vieira, 1992. ISBN 85-336-0053-4, p. 17.

²² ELIADE, Mircea – O sagrado e o profano. 1ª ed. São Paulo : Silvana Vieira, 1992. ISBN 85-336-0053-4, p. 17.

²³ ELIADE, Mircea – O sagrado e o profano. 1ª ed. São Paulo : Silvana Vieira, 1992. ISBN 85-336-0053-4, p. 18.

²⁴ ELIADE, Mircea – O sagrado e o profano. 1ª ed. São Paulo : Silvana Vieira, 1992. ISBN 85-336-0053-4, p. 13.



GRANDE MESQUITA DE MECA

FIGURA 03

árvores, por exemplo. (...) A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere²⁵ “²⁶”.

O ritual de oração, no Islamismo, é desde os primórdios bastante distante da dependência de um lugar específico para se realizar – um distanciamento da ideia de que algo material pode ser considerado sagrado. A ideia de comunhão com Deus, na religião islâmica, é bastante direta não é necessário um intermediário, contrariamente ao caso Católico. A crença pessoal é suficiente, por isso, não é imperativo a existência de um lugar sacralizado para a realização do rito. Como tal, um tapete ou qualquer superfície limpa serve para este propósito. Não obstante, desta condição, existem lugar de condição sagrada, exemplo maior disso é a Caaba, e outros lugares edificados que refletem a crença religiosa.

Por isso a Arquitetura adquire a principal forma da materialização do sagrado, uma força transformadora – parte do ambiente construído para a transcendência espiritual – que centraliza a essência da crença. O interesse por edifícios e objetos, para cada indivíduo, é determinado pelo que nos dizem e pela forma como desempenham as suas funções materiais. Posto isto, vale a pena olhar para o papel do Arquiteto como elemento determinante na construção destes espaços – processo curioso pelo qual a combinação dos materiais, luz e forma podem trazer-nos memórias, de coisas e lugares, diferenciadoras e comoventes.²⁷

²⁵ “Ganz andere” – expressão inspirada na obra de Rudolf Otto, o significado aponta para o que é grandioso e “totalmente diferente”

²⁶ ELIADE, Mircea – O sagrado e o profano. 1ª ed. São Paulo : Silvana Vieira, 1992. ISBN 85-336-0053-4, p. 13.

²⁷ BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 86.

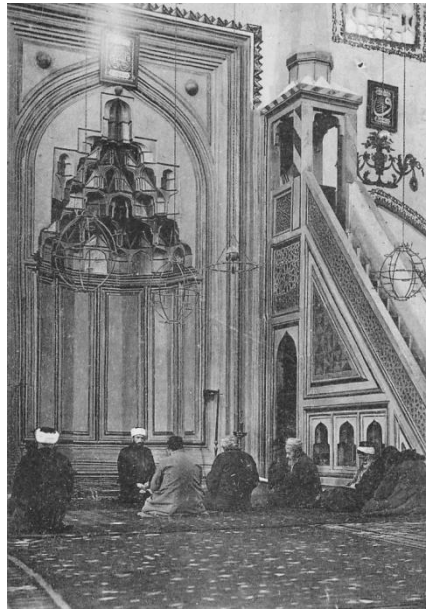


FIGURA 04

POSTAL ILUSTRADO – MUÇULMANOS A ORAR
DIRECIONADOS PARA O QIBLA

01.4

O QUE É A ARQUITETURA ISLÂMICA?

“Ao falar de arquitetura não entendo referir-me apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto das suas arquiteturas, mas, preferencialmente à arquitetura como construção. Refiro-me à construção da cidade no tempo. (...) esta análise dirige-se ao dado último e definitivo da vida da coletividade – a criação do ambiente em que esta vive”²⁸

Ao falarmos de arquitetura Islâmica, em primeiro lugar, deveremos interrogar-nos sobre o que de facto estamos a referir. Será que estamos a referir-nos a arquitetura produzida por e para muçulmanos, para servir o Islão, que consequentemente referimos apenas a arquitetura que cumpre a função religiosa? Ou referimo-nos à arquitetura produzida em terras de muçulmanos? Se assim for, a arquitetura Islâmica, o que significa neste contexto? Não sendo uma definição que adjective a qualidade religiosa, deverá ser compreendida como uma palavra que identifica um determinado tipo de arquitetura – que reflete uma civilização, movida por qualidades especiais inerentes ao Islão, um fenómeno cultural.

A centralização no interior, é uma das principais características da ‘cidade islâmica’ – a austeridade na fachada ou na articulação externa do edifício com a rua – expressão máxima desta singularidade é, obviamente, a casa muçulmana – pátio interno regula a organização espacial interna, espaços desenvolvidos em torno do pátio, caracteriza-se pela falta de aberturas nas fachadas, quase cegas interrompidas ocasionalmente. O desprezo pela aparência exterior, de um edifício, não se excetua nos edifícios públicos, como as mesquitas que por norma se encontram com edifícios secundários adjacentes. A inexistência de indicações exteriores da forma, tamanho, função ou significado do que acontece no interior dos edifícios, mesmo que exista uma fachada evidente do exterior, raramente uma fachada indica a organização interior de um edifício islâmico. Por toda a parte, do mundo islâmico, encontramos ‘arquitetura oculta’ – ou seja, é arquitetura que existe verdadeiramente, mas que não é percecionada enquanto monumento visível de toda a parte, mas somente quando penetrada e vivida no seu interior.

Poderá afirmar-se que a ‘arquitetura oculta’, com a possibilidade de exceções, é o principal exemplo de arquitetura verdadeiramente islâmica – a Grande Mesquita de Damasco é um exemplo típico, já a Cúpula do Rochedo em Jerusalém é uma exceção típica. A Grande Mesquita de Damasco segue a tipologia e traduz a tradição formal. O que caracteriza um edifício islâmico não é a sua forma, mas a intenção que expressa. A Cúpula do Rochedo, erguida numa plataforma percecionada em toda a parte, com fundamento no legado pré-islâmico, não transmite o valor da centralização no espaço interior.

²⁸ ROSSI, Aldo – A arquitectura da cidade. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1916-9, p. 27.



FACHADAS QUASE CEGAS EM TOZEUR, TUNÍSIA

FIGURA 05

É necessário fazer uma distinção entre arquitetura islâmica urbana e não-urbana, devido as diferenciadas regras aplicadas a cada uma das expressões arquitetônicas. A maioria dos edifícios islâmicos aparecem no contexto urbano, embora existam programas desenvolvidos especificamente para o contexto não-urbano, mesmo que estes apareçam também na cidade. O caso mais flagrante, deste tipo de programa, é o *caravançarai*²⁹ – por norma localizados ao longo dos principais eixos de transporte. Também os mausoléus, na sua maioria, surgem como monumentos isolados tanto em contexto urbano como no interior de um cemitério, fora da cidade. Outros edifícios que devido à sua função específica se encontram fora do contexto urbano, tais como, estruturas fortificadas e utilitárias – torres de vigia, pontes, as portas da cidade e a própria estrutura fortificada que envolve a cidade. Podemos concluir, em primeiro lugar, que são poucos os edifícios islâmicos que articulam o interior com o exterior; e em segundo lugar, as exceções são sempre edifícios totalmente funcionais – pontes, torres de vigia.

Relacionado profundamente com o conceito de ‘arquitetura oculta’ é notória a ausência de uma forma arquitetônica específica para diferentes tipos de programas. São poucos os edifícios islâmicos que não são passíveis de mudar o tipo de utilização do espaço – a estrutura de quatro-*iwan*³⁰ articulados por um pátio é o exemplo maior desta adaptabilidade. Devido à tendência de esconder as características principais no interior, a arquitetura islâmica, é uma arquitetura que não altera facilmente as suas formas; tende a adaptar as funções a formas pré-concebidas.

Os edifícios islâmicos por norma não adquirem uma qualidade direcional na sua forma, ou melhor, uma direção axial inerente. Pelo contrário, a direção física dos edifícios, se é que existe, é por norma adversa à direção religiosa/ funcional. O visitante que entra no pátio de uma mesquita, geralmente é atraído para a sala de oração onde se distribui pela largura do pátio; geralmente é o sentido perpendicular à direção metafísica – indicada pelo *qibla*³¹, e por sua vez, pelo *mihrab*³², cuja ausência poderia deixar o utilizador na dúvida para onde se direcionar.

O espaço fechado, por paredes, arcadas e abóbodas, é o elemento principal da arquitetura islâmica. Esta particularidade é enfatizada, não só pelo desprezo na aparência externa do edifício, mas principalmente pelo fato de que a decoração é reservada para espaços de articulação e espaços interiores. A decoração, na arquitetura islâmica, adquire inúmeras funções sendo que o seu principal papel é dissolver os valores tectónicos – elemento que noutros contextos arquitetónicos é enfatizado, a estrutura como equilíbrio e contraponto de cargas e tensões. Neste caso estamos perante a negação visual da realidade do peso e da necessidade de apoios; é criado o efeito de ausência de gravidade, de espaço ilimitado.

²⁹ *Caravançarai*, refere-se geralmente a uma grande estrutura capaz de albergar com um grande número de viajante, animais e mercadorias

³⁰ *Iwan*, um espaço retangular, geralmente abobadado, aberto para um pátio. O plano do *iwan*, permite o albergue de muitas funções, por isso, era usado tanto em edifícios religiosos e também seculares. In: islam arte and architecture

³¹ *Qibla*, parede da mesquita orientada para Meca na perpendicular, na qual se encontra o *mihrab*. Durante a oração, os fiéis prostam-se virados para a *qibla*. In: STIERLIN, Henri – *Islão : de Bagdade a Córdoba*.

³² *Mihrab*, nicho no muro do *qibla*, por cima do qual se erguia uma abóboda com um *cul-de-four*, ou pequeno espaço interno precedido de um arco, formando o santo dos santos da mesquita. O *mihrab* indica a direção de Meca, para o qual o crente se volta durante o ritual de prostração que integra as orações islâmicas. In: STIERLIN, Henri – *Islão : de Bagdade a Córdoba*.

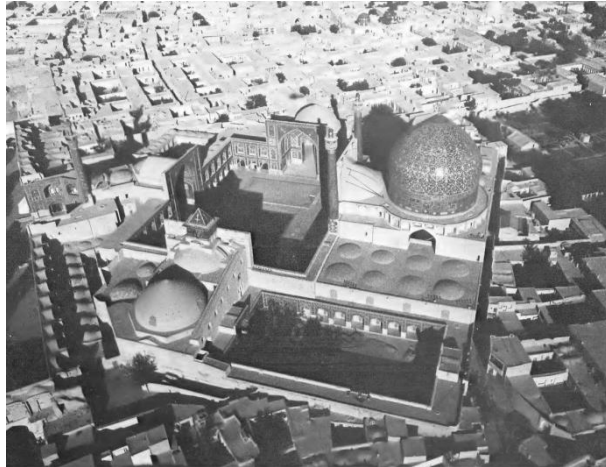


FIGURA 06

GRANDE MESQUITA DE ISFAHAN – ESTRUTURA DE QUATRO-IWANS

Existe uma grande variedade de usos decorativos, indo deste o mosaico e decoração pintada a ladrilhos – utilizados brilhos e pintura policromada – gesso e pedra cortada a céu aberto. Uma infinidade decorativa das superfícies dos edifícios, a impregnação de incalculáveis técnicas e desenhos – inspirados em formas geométricas e padrões florais, e executados, minuciosamente, variados estilos caligráficos e inscrições religiosas – o palácio de Alhambra é um epítome da decoração islâmica. A Arte Islâmica usa, repetidamente, padrões geométricos semelhantes às formas florais e vegetais conhecidos como arabesco. O arabesco na Arte Islâmica é frequentemente usado para simbolizar a natureza transcendente, indivisível e infinita de Alá.³³

Todas estas características, por aqui descritas, não são possíveis de encontrar fora do ‘mundo muçulmano’. A arquitetura islâmica é verdadeiramente distinta e inconfundível de qualquer outro tipo de expressão arquitetónica, é um conceito metafísico da cultura em questão. A arquitetura é uma das formas de manifestação do espírito do Islão, sendo assim o adjetivo ‘islâmico’ é totalmente justificável.³⁴

Aparecimento da arquitetura muçulmana

A conceção de expressões artísticas, de uma nova civilização, não se gera sem uma herança cultural da qual se desenvolve formas com uma estética original. A arte islâmica mais antiga nasce da absorção do pensamento e das criações greco-romanas, as grandes cidades antigas de Baalbek, Jerash, Tiro e Alexandria ainda existiam, quase na sua totalidade, no início do islamismo. Para além da influência da antiguidade clássica, a principal fonte de inspiração da comunidade muçulmana vinha do mundo bizantino. Os califas omíadas, governavam sob ideias governamentais e burocráticas implantadas pelos imperadores bizantinos. Tal como a arte de Constantinopla, a arte da antiga Roma revitalizada pelo império cristão, exerceu uma forte influência nos árabes.

Tipologias como a planta central, utilizada em santuários, redonda ou octogonal –o santuário de Anastasis de Jerusalém, a igreja de São Filipe em Hierápolis ou o octógono de Qalat Siman. Estes modelos, inspirados nos mausoléus romanos, foram seguidos na arte islâmica na Cúpula do Rochedo e os túmulos do período abássida. A influência bizantina também é visível nas formas e na decoração dos edifícios – as colunas coríntias e os mosaicos de fundo dourado. A arquitetura palaciana, os balneários e as pequenas fortificações, construídos pelos romanos e pelos bizantinos, influenciaram inúmeros edifícios árabes durante a Hégira³⁵. Este legado não aparece apenas por perpetuação de formas e técnicas, mas porque, no início transformaram inúmeras igrejas cristãs, reconvertendo-as à sua religião, antes de começarem a construir os primeiros exemplos de mesquita.

³³TORABIYAN, Mohammad; NEJAD, Kazem Mosawi – Islamic Architecture and Its Challenges. *International Journal of Architectural and Environmental Engineering*. ISSN: 0000000091950563. Vol. 8, nº2 (2014), p. 238.

³⁴GRUBE, Ernst J. [et al.] – *Architectures of the Islamic World : its history and social meaning*. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 10-14.

³⁵Hégira - «Expatriação» de Maomé, que partiu de Meca para Yathrib, que veio a chamar-se Medina, a cidade do Profeta. Este acontecimento deu-se em 622, assinalando o começo da era islâmica. In: STIERLIN, Henri – **Islão : de Bagdade a Córdova**.

O calendário islâmico ou calendário hegírico, é um calendário composto por doze meses de 29 ou 30 dias ao longo do ano com 354 ou 355 dias, têm cerca de 11 dias a menos que o calendário solar. O início da contagem do tempo começa na Hégira.



PALÁCIO DE TOPKAPI, ISTAMBUL

FIGURA 07

Com o aparecimento de uma nova religião, vieram também novas práticas e rituais que exigiram novas qualidades espaciais aos edifícios. A casa do profeta, em Medina, que construiu para dar resposta às suas próprias necessidades, tornou-se referência como protótipo de todas as mesquitas que se seguiram. A mesquita tornou-se num local de oração, servente das necessidades da fé muçulmana e assume um lugar de reunião da comunidade. A partir do fim do século VII, as mesquitas, assumem inúmeras variantes resultantes do local e clima. Deram origem a novas formas arquitetónicas e introduziram inovações construtivas, além disso foram um ótimo veículo de difusão da fé e oração coletiva.³⁶

Os primeiros edifícios, exemplares modestos, da arquitetura islâmica surgiram ainda em vida do Profeta – as especificidades que Maomé desenvolveu na sua casa para adapta-la à crença que estava a fundar. Decerto, que tratarmos por “arquitetura” nesta circunstancia é exagerado, pois trata-se de uma comunidade dividida entre seminómadas e árabes sedentários. Tratava-se de construções efémeras, abrigos simples – destinados a homens e animais – feitos de terra batidas e cobertos de folhas de palmeira, contudo, determinaram os fundamentos dos edifícios árabes clássicos.³⁷

³⁶ STIERLIN, Henri – *Islão : de Bagdade a Córdova*. Colónia: Susanne Klinkhamels, 1997. ISBN 3-8228-8485-5., p. 7.

³⁷ STIERLIN, Henri – *Islão : de Bagdade a Córdova*. Colónia: Susanne Klinkhamels, 1997. ISBN 3-8228-8485-5., p. 24.

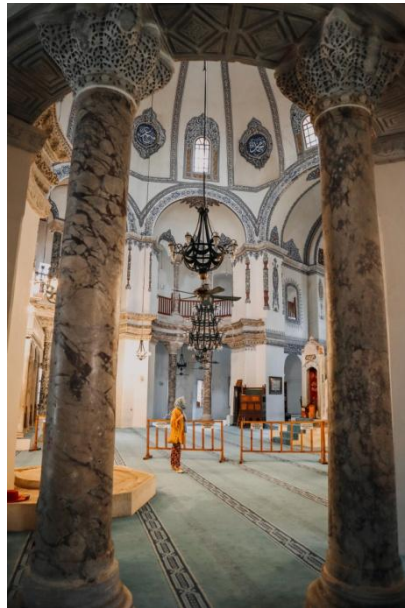


FIGURA 08

ANTIGA IGREJA DE SÃO SÉRGIO E SÃO BACO

02

A 'CIDADE ISLÂMICA

CAPITULO 02

02.1 'CIDADE ISLÂMICA'

“esta arquitetura (a arquitetura da cidade) é parte integrante do homem; é a sua construção. A arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem; carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de factos novos e antigos.”³⁸

Para compreender uma cidade é necessário ler a sua morfologia, sendo que a sua forma é uma reflexão direta de quem a habita, é necessário um estudo do contexto onde se insere, no entanto é algo que não se vê a acontecer no estudo da ‘cidade islâmica’³⁹.

A maioria dos estudos, acerca da ‘cidade islâmica’, tem como ponto de partida a sua morfologia que, por sua vez, aparenta falta de ordem – descrições como ruas não retilíneas, o grande número de *culs-de-sac* (ruas sem saída) e a sensação de estar perdido na cidade. Estes atributos não são apenas descritos nos retratos gerais das cidades mas também usados em estudos científico, o conceito de ‘cidade islâmica’ aparece no início do século XX, pela visão de historiadores franceses, onde se começou a descrever e analisar a ‘cidade islâmica’ através de vários aspetos, incluindo estrutura social, administração da cidade, matéria religiosa e a morfologia da cidade. Estes primeiros estudos, desenvolvidos pelos irmãos Marçais, Jean Sauvaget, Robert Brunschvig e Roger Le Tourneau, até 1950, inúmeras cidades do norte de África e Síria foram analisadas e as suas características foram generalizadas para todas as restantes cidades do mundo islâmico⁴⁰. Para além disso, estas interpretações e definições de cidade resultam de métodos analíticos formais baseados na comparação com cidades europeias, greco-romanas e nas teorias de Max Weber. A cidade, nestes textos, é caracterizada como complicada, por vezes semelhante a um labirinto, as vistas aéreas lembram o labirinto de Dédalo⁴¹, com inúmeros caminhos sem saída, bairros que são contíguos de forma orgânica, uma negação da forma urbana, não atingem a complexidade, entre outras descrições semelhantes.

³⁸ ROSSI, Aldo – A arquitectura da cidade. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1916-9, p. 29.

³⁹ O termo ‘Cidade Islâmica’, usado em grande parte dos textos analisados, na sua maioria, indica as cidades do Norte de África e do Médio Oriente.

⁴⁰ Cidades que a maioria da sua população é muçulmano.

⁴¹ Dédalo, é uma personagem da mitologia grega, um notável arquiteto e inventor que a sua obra mais marcante é o labirinto que construiu para o rei Minos, de Creta, aprisionar o minotauro, que se pensa ser filho de sua mulher. Alguns autores referem-se, a Labirinto de Dédalo, como um labirinto que os seus caminhos unidireccionais, após algumas voltas, levariam sempre para o centro.



POSTAL ILUSTRADO – RUA DE MARRAQUEXE, MARROCOS

FIGURA 09

Estas ideias formam a base para estudos posteriores, da 'cidade islâmica', esta segunda fase tem início nos anos 1950 e continua até aos anos 1970, estes novos estudos vêm alterar, com grande ênfase, a visão da estrutura social e dá-se uma aproximação para com a 'cidade Islâmica'. Existe uma tentativa de justificar o lado negativo, atribuído a estas cidades, reconhecendo as diferenças na estrutura social e abrem caminho para novas perspetivas do estudo das cidades em questão. Contudo as abordagens são semelhantes aos estudos anteriores, mesmo dando algumas vantagens e explicações sociais tendem sempre para fazer a mesma descrição padrão – rua labiríntica, becos tortuosos, entre outros. O problema com estas características generalizadas é que apenas descrevem o que a cidade não possui, ou o que não é, ao que deixa pouco claro o que de facto exprime a sua essência.

Os últimos estudos sobre a 'cidade islâmica' – são fundamentalmente críticas, às primeiras abordagens, que propõem fortes pontos de vista que desafiam os estereótipos ocidentais – são um ensaio de um novo métodos de leitura das cidades muçulmanas longe dos estereótipos, a fim de compreender a sua essência e as suas causas.

42

No meio das características, antes descritas, a semelhança a um labirinto adquire dimensões mais profundas de conhecimento da cidade e expressa mais do que aspetos formais – é capaz de traduzir outras implicações, como conceitos históricos, que correspondem à imagem mental para qual a cidade sugere. O conceito de labirinto, associado à 'cidade islâmica', adquirir uma forte presença nos estudos de cidade, com posições variadas e opostas. Na generalidade, podemos categorizar em três atitudes: a primeira, a cidade, é compreendida como um labirinto pelas suas questões formais/estruturais/padrão e o sentimento que é transmitido ao caminhar pela cidade – nesta posição o conceito de labirinto adquire uma conotação negativa; na segunda, está implícito a semelhança, da 'cidade islâmica', a um labirinto mas os autores tentam atribuir uma conotação positiva ao conceito, alegando vantagens, justificações e as razões para tal semelhança. Tais como, a limitação de circulação e tráfego na cidade, dificuldade de acesso a estrangeiros; por último um grupo de autores que negam inteiramente esta semelhança.⁴³

⁴² FALAHAT, Somaiyeh – *Re-imagining the city : a new conceptualisation of the urban logic of the "islamic city"*. Berlim : Springer Vieweg, 2014. ISBN 978-3-658-04596-8, p. 1-3.

⁴³ FALAHAT, Somaiyeh – *Re-imagining the city : a new conceptualisation of the urban logic of the "islamic city"*. Berlim : Springer Vieweg, 2014. ISBN 978-3-658-04596-8, p. 46- 49.



FIGURA 10

POSTAL ILUSTRADO – RUA DE FEZ, MARROCOS

02.2 O QUE É ESPAÇO PÚBLICO NA 'CIDADE ISLÂMICA'?

“El modo de vida urbano, es decir, cómo los musulmanes concebían la vida virtuosa y construían su habitat para practicarla aquí, en la Tierra.”⁴⁴

O estudo das cidades muçulmanas enfrenta vários problemas e dificuldades, devido ao desencontro temporal e a execução em diferentes contextos. A planificação urbana consiste na expressão material da realidade espiritual e imaterial que constitui a cidade, reflexo do sistema religioso, social e político. Para reconhecermos a morfologia de uma cidade é necessário elaborarmos um retrato físico, para isso é necessário conhecer a evolução topográfica urbana. Estes processos transformativos, no passado, eram algo bastante gradual o que nos permitira entender a presente composição de uma cidade.⁴⁵ As 'cidades islâmicas' são o resultado de acontecimentos particulares, do local geográfico específico onde se inserem, mas nunca se podem desassociar do marco universal central (Meca).

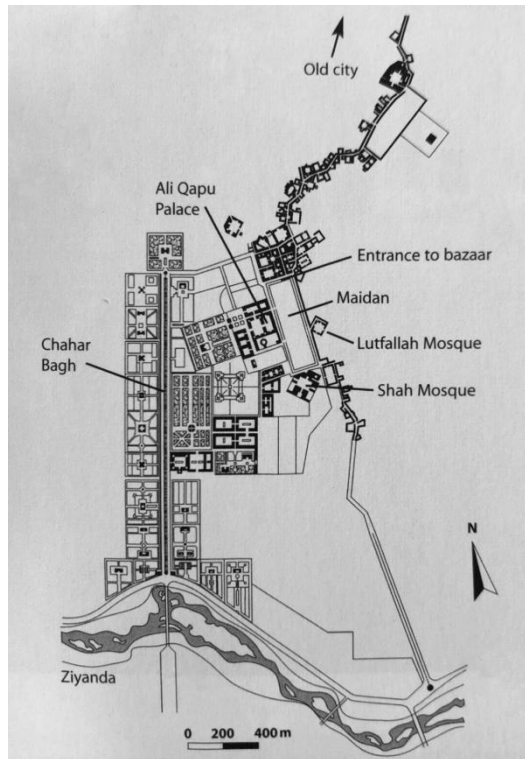
A amplitude, no espaço público, é uma característica que raramente se pode observar numa 'cidade islâmica'. Existem apenas dois tipos de espaço público, genericamente, o primeiro aparece na 'cidade antiga' na forma de *maidan*⁴⁶, ou pátios urbanos junto a edifícios monumentais – tais como as mesquitas e madraças – na 'cidade moderna' surgem na forma de praças e jardins urbanos. O segundo tipo é o **espaço de circulação**, representado na 'cidade antiga', pelo padrão de ruas apertadas e tortuosas – ruas e becos-sem-saída – e aparecem na 'cidade moderna' num padrão em grelha que dão origem à formação das ruas.

Maidan, não adquire as mesmas características da Ágora e do Fórum, posto isto a sua função não permite a reunião pública dos cidadãos. A Mesquita assume esse papel e faculta um espaço onde é possível a reunião da comunidade, *sahn* – pátio da mesquita. Assim sendo, *maidan*, emprega vários propósitos – funcionalmente atua como um nó de distribuição, do fluxo de pessoas que utilizam os edifícios subjacentes, para as vias anexadas; visualmente, fornece um cuidado necessário para que os edifícios monumentais, no qual estão agregados, se insiram com naturalidade e a imponência devida no volume compacto que a cidade acarreta. O que também permite que os edifícios sejam percecionados de vários ângulos, desencadeando sensações variadas. Frequentemente, estes espaços na cidade, aparecem ao longo dos mercados – a espinha central da cidade – aquando desta situação os limites físicos tendem a dissipar-se, em muitos dos casos, tornam-se parte integrante do bazar.

⁴⁴ MICHON, Jean-Louis [et al.] – La ciudad islámica. 1ª ed. Barcelona : R. B. Serjant, 1982. ISBN 92-3-301665-X, p. 13.

⁴⁵ MICHON, Jean-Louis [et al.] – La ciudad islámica. 1ª ed. Barcelona : R. B. Serjant, 1982. ISBN 92-3-301665-X, p. 113-116.

⁴⁶ *Maidan* é um espaço aberto grande, ou uma praça, para funções cerimoniais.



MAPA DE ISFAHAN – EXEMPLO DE MAIDAN

FIGURA 11

Ao olharmos para a 'cidade islâmica' contemporânea encontramos um diferente contexto, o tamanho e a área de *maidan*, hoje, dependem da localização no tecido urbano e da quantidade de circulação que acomoda. As praças planeadas, introduzidas por planos urbanos ocidentais, alcançam um carácter internacional – formalmente é mais fácil a adaptação e implementação de edifícios adjacente, embora tenha surgido num contexto cultural distinto. Atualmente estes espaços na cidade, *maidan*, são elaborados segundo um conjunto de códigos pré-estabelecidos, e instalados em qualquer tipo de lugar e cidade. Dos quais ignoram o contexto cultural de que são descendentes, incluindo técnicas construtivas tradicionais, com o resultado da perda identitária da 'cidade islâmica' tradicional. Os arquitetos contemporâneos ao intervirem na 'cidade islâmica' têm o dever de respeitar a identidade do lugar – tanto formalmente como culturalmente – continuando o critério das construções antepassadas. Na eventualidade, de uma arranha-céus ser construído adjacente a uma mesquita, o propósito do minarete⁴⁷ perderia o sentido – fazer-se ver e ouvir em qualquer parte da cidade.⁴⁸

A centralização no interior, exemplificada pelo recurso aos pátios internos, tanto nas habitações como nas mesquitas, proporcionou a evolução de uma malha urbana irregular cheia de ruas estreitas e tortuosas. Para o observador externo as ruas labirínticas parecem confusas e complexas, devido à sua intenção/habitação de mover pessoas e bens de forma eficiente por toda a parte da cidade, preferindo uma malha urbana retilínea. A eficiência na 'cidade islâmica' não pode ser medida da mesma forma, visto que a liberdade do movimento não é valorizada. A compartimentação da cidade é reflexo disso, as ruas estreitas são entre si um sistema de controlo de tráfego, que consequentemente, sustentam um plano eficaz de zonamento de diferentes funções urbanas.

A atitude perante a vida, da comunidade muçulmana, reflete-se no ambiente da 'cidade antiga' o que se perdera nos dias de hoje. Não significa que o muçulmano tenha mudado a sua posição, mas sim porque existiu um afastamento do passado. O muçulmano do presente não é certamente o mesmo que espalhou a palavra de Alá pelo mundo.

A perda identitária das cidades resulta de vários fatores, entre eles o colonialismo – a maioria dos países muçulmanos foi colonizado, por um período de tempo considerável, sob domínio ocidental [ver figura 12]. Durante esse período, foram tomadas decisões que comprometeram o 'ambiente' da cidade que vieram a transformar a configuração da 'cidade islâmica'. A adoção infeliz do modelo de cidade europeia, por via dos arquitetos e urbanistas, é outro fator que levou a perda de carácter. O espaço seja ele público ou privado, deverá ser pensado para o contexto sociocultural onde se insere, através de uma leitura correta entre a 'cidade islâmica' tradicional e a criação contemporânea. Somente, depois de uma análise correta do lugar se deverá desenvolver critérios de desenho urbano, que respondam as necessidades da comunidade muçulmana atual.

⁴⁷ **Minarete**, Torre do cimo da qual o muezím chama os muçulmanos para a oração.

Muezim, Funcionário da mesquita cujo dever é chamar os fiéis para a oração, cantarolando do cimo do minarete. In: Islão de Bagdade a Córdova, Henri Stierlin.

⁴⁸ ALSAYYAD, Nezar – Space in a islamic city: some urban design patterns. *Journal of Architectural and Planning Research* [Em linha]. Vol. 4, n.º 2 (1987), p. 109-110. [Consult. 29 Ago. 2019]. Disponível na internet:<URL: https://www.jstor.org/stable/43029486?seq=1#page_thumbnails_tab_contents>. ISSN 0738-0895.



FIGURA 12

Estrutura da ‘cidade islâmica’: Edifícios com vontade coletiva⁴⁹

“Esta, como um todo, parece exprimir-se com caracteres de permanência, nos monumentos urbanos. Os monumentos, sinais da vontade coletiva expressos mediante os princípios da arquitetura, parecem dispor-se como elementos primários, quais pontos fixos da dinâmica urbana”⁵⁰

O tecido compacto, da cidade islâmica’, resultante de edifícios projetados em torno de um pátio, dos quais 25% são de carácter privado, poderá afirmar-se que a maioria dos pátios está ao dispor da comunidade – sendo eles uma extensão do espaço público, ou melhor, o ‘grande lugar da comunidade’.

Desde os primórdios do Islão, ainda no tempo do profeta, a civilização islâmica estabeleceu-se em ambiente urbano. O próprio Maomé viveu numa cidade, Meca, e passou a última década de vida em Medina, ambas as cidades adquiriram um carácter sagrado até os dias de hoje. O Islão tornou-se uma religião de cidade, para o cidadão, a mesquita exigia um lugar fixo. O centro na vida da cidade levou ao forte desenvolvimento urbano, as primeiras cidades islâmicas eram campos militares (*fustāts*). Construídas junto de cidades pré-islâmicas ou completamente isoladas da população não-islâmica, estes assentamentos separavam os fiéis do resto da comunidade – para expressão o poder do Islão.

Ao longo do tempo, a ‘cidade islâmica’ evolui gradualmente, as mesquitas e as *madrassa*⁵¹ atuam na cidade como centros religiosos e políticos da comunidades e os mercados como centro da vida comercial e social.

“Pero, incluso limitandonos a considerar la civilización urbana, aún debemos abarcar un campo amplísimo. De hecho, la naturaleza característicamente monolítica del Islam, que es la religión de la Unidad Divina, se esfuerza por orientar las vidas de los individuos, así como la de las sociedades, hacia la adoración del Dios Único, y por no dejar, en el despliegue de las actividades humanas, ningún dominio exento de la autoridad de la Ley Divina. Esto significa que, de acuerdo con la intención estricta del Legisla- dor Divino, ninguna comunidad urbana puede tener mas instituciones que las religiosas.”⁵²

⁴⁹ ROSSI, Aldo – A arquitectura da cidade. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1916-9, p. 29.

⁵⁰ ROSSI, Aldo – A arquitectura da cidade. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1916-9, p. 29.

⁵¹ *Madrassa* - Escola corânica cuja forma arquitetónica segue a tradição das mesquitas, com pátios de estilo persa e iwans. A madrasa evolui bastante durante a era dos Seldjúcidas, turcos recém-convertidos que difundiram a madrasa para restabeleceram o sunismo ortodoxo, numa fase em que o islamismo já transbordara, em larga medida, para o campo xiita. In: Islão de Bagdade a Córdoba, Henri Stierlin

⁵² MICHON, Jean-Louis [et al.] – La ciudad islámica. 1ª ed. Barcelona : R. B. Serjant, 1982. ISBN 92-3-301665-X, p. 14.

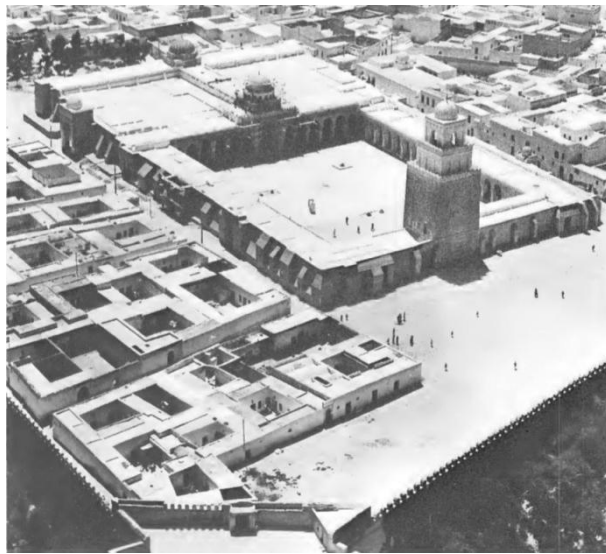


FIGURA 13

VISTA AÉREA PÁTIOS PRIVADOS E PÚBLICO - MESQUITA DE CAIURÃO, TUNÍSIA

03

O EDIFÍCIO DE CULTO

CAPITULO 03

03.1

O EDIFÍCIO DE CULTO

“Dentro de cada mesquita reza-se e canta-se. Todos lavam a boca, o rosto, as mãos e os pés; e prostram-se diante de Alá, as testas golpeiam as esteiras; roucos lamentos se elevam, ritmados segundo um rito admirável. De sua tribuna, que domina a planura da nave, sentado sobre os calcanhares, de pé, com a cara no chão as mãos em gesto de adoração, o imã responde ao imã do mihrab que conduz a prece.”⁵³

O projeto de um lugar sagrado – termo que surge pela primeira vez a meados do século XIX – acarreta o fator da transcendência física, falamos de um espaço de adoração a algo intangível. A arquitetura deverá corresponder, não apenas, a questões funcionais, mas também ao ambiente do espaço – auxiliar o crente a alcançar a conexão com Deus. Os espaços de culto deverão ser pensados para estabelecer um balanço, equilibrado, entre a função e o ambiente – nenhum deverá ser dominante – a experiência religiosa e a expressão estética são os fatores reguladores para o trabalho do arquiteto.⁵⁴

A oração, no Islão, pode ser consumada em quatro níveis; a oração individual, a congregacional, entre a comunidade de uma cidade, e o mundo muçulmanos no geral com a peregrinação a Meca. Para três deles, existem estruturas litúrgicas específicas e distintas. A primeira, uma mesquita, de pequena dimensão e sem mimbar⁵⁵, destina-se às cinco orações diárias para indivíduos ou pequenos grupos. A segunda tipologia, denominada de *masjid jami*, a mesquita congregacional ou de sexta-feira – a mesquita mais importante, e por norma de grande dimensão – onde toda a comunidade se encontra, para a oração principal da semana. Por último, o *İdgāh*, local de oração, uma mesquita reduzida ao essencial – uma grande área aberta para a oração, com apenas a parede do *qibla* e um *mihrab*; local onde toda a comunidade se pode reunir, para os principais eventos muçulmanos como o fim do jejum e o sacrifício de Abraão. Dentro destes três tipos litúrgicos encontramos uma ampla variação arquitetónica. O valor de congregação, é o valor base de uma mesquita, e as necessidades litúrgicas determinam as tipologias de acordo com dois critérios o funcional e o cultural ou geográfico.⁵⁶

⁵³ CORBUSIER, Le – A viagem do oriente. São Paulo : Cosac Naify, 2007. ISBN 978-85-7503-563-4, p. 89.

⁵⁴ STEGERS, Rudolf – Sacred Buildings : A design manual. Basel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4, p. 9.

⁵⁵ **Minbar**, Assento elevado ou púlpito colocado à direita do *mihrab* nas mesquitas. Do alto dos degraus no *minbar* o pregador dirige-se à congregação.

Mihrab, elemento existente em todas as mesquitas, que indica a direção da *Caaba* todos os fiéis devem prostrar-se virados para ela. In: Islão de Bagdade a Córdova, Henri Stierlin

⁵⁶ GRUBE, Ernst J. [et al.] – Architectures of the Islamic World : its history and social meaning. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 19.

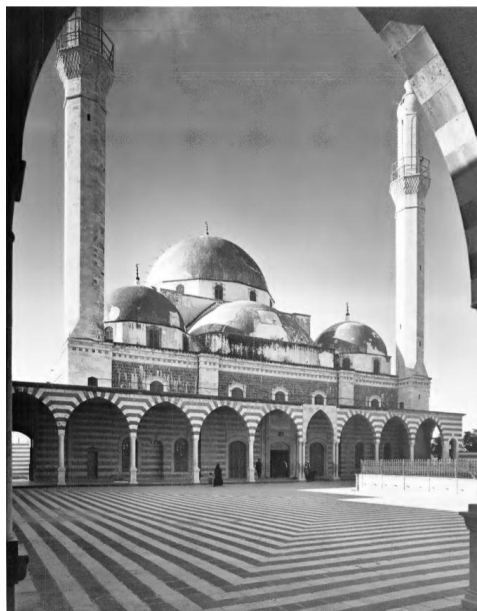


FIGURA 14
GRANDE MESQUITA DE HOMS, SÍRIA – ATUALMENTE
ENCONTRA-SE PARCIALMENTE DESTRUIDA

A mesquita é um símbolo do Islão, é a construção primordial do ‘mundo islâmico’ – que hoje abrange 40 países e um quinto da população mundial. Etimologicamente, a palavra mesquita deriva da palavra, árabe, *masjid* que significa “lugar de prostração”, querendo com isto dizer, um lugar onde os crentes inclinam a cabeça para o chão em veneração a Deus – ação incluída no ritual de oração, executada todos os dias para expressar a sua fé. A tarefa de projetar uma forma arquitetónica destinada ao culto a um deus que é invisível e, para além disso, a sua representação alegórica é proibida o que torna o processo moroso. O Islão, ao contrário de outras religiões, caracteriza-se pela falta de símbolos visuais o que leva a uma arquitetura altamente contextual e predominantemente caracterizada por pequenos elementos.

“Que só visitem as mesquitas de Deus os que crêem em Deus e no Dia derradeiro, os que cumprem a oração e dão a esmola e os que O temem. Estes serão talvez os dirigidos pelo caminho de Deus.” (sura IX.18)⁵⁷ Os muçulmanos dependem pouco do edifício de culto, para poderem desempenhar o seu ritual de oração, por si só suficiente, seja ele em casa ou em espaço público. No entanto, a oração de grupo é considerada mais virtuosa. Para além da importância, essencialmente, religiosa a mesquita tem uma forte presença no papel político e social, que determina em grande parte o programa dos espaços e a escala na cidade. As mesquitas de maior dimensão empregam espaços destinados à instrução religiosa e cultural, e também uma zona para mulheres que estão proibidas de orar – durante a menstruação e no período de quarenta dias depois do parto.⁵⁸

Primordialmente, um quadrado definido na areia era suficiente para a oração comunitária, devido à natureza da fé islâmica e ao carácter minimalista da liturgia, apenas teriam de ter um dos lados do quadrado orientado para Meca para indicar a orientação da oração. Além do mais, a maioria da população muçulmana era nómada e por esse motivo a construção de edifícios permanentes era escassa.

O primeiro edifício que inspirou o modelo de mesquita foi a casa do Profeta, em Medina, o primeiro edifício a albergar uma oração comunitária. Maomé vivia com a família, nesta casa, e bem como várias casas do Médio Oriente, consistia num pátio quadrado e dois quartos, mais tarde ampliado para nove, do lado sudeste. Possuía dois pórticos, um maior, *zulla*, e o mais pequeno *suffa*; o de maior dimensão destinava-se ao fieis que apareciam para orar, enquanto que o segundo destinava-se a quem pernoitava na habitação. O *zulla* era, também, um local para os seguidores de Maomé, onde deliberavam assuntos comunitários, foi deste modo que, até hoje, a mesquita é um lugar polivalente de oração e atividades sociais e políticas. A imagem de arquétipo de mesquita consiste, até a data inalterada, num pátio (*sahn*) e um santuário (*haram*) que normalmente consiste num hipostilo.

⁵⁷ MACHADO, José Pedro – *Alcorão*. 2ª ed. Lisboa: Junta de Investigações científicas do Ultramar, 1980. p.201.

⁵⁸ STEGERS, Rudolf – *Sacred Buildings : A design manual*. Rasel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4, p. 46.

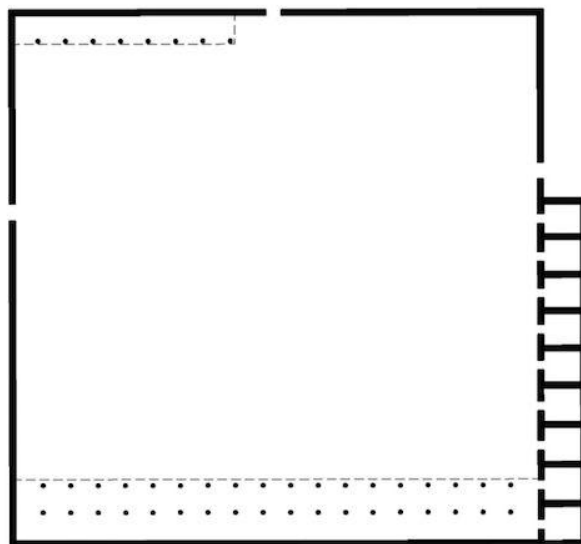


FIGURA 15

PLANTA DO QUE SE PENSA TER SIDO A CASA DO PROFETA

03.2 ORIENTAÇÃO ESPACIAL

***“Uma geometria elementar disciplina as massas: o quadrado, o cubo, a esfera. Em planta, é um complexo retangular cujo eixo é único. A irradiação dos eixos de todas as mesquitas, em terras muçulmanas, em direção à pedra negra de Caaba é um grandioso símbolo da unidade de fé.”*⁵⁹**

Uma definição de mesquita poderia ser: um edifício construído sobre a demanda de um eixo invisível. *“The Muslim world is spread out like a gigantic wheel with Mecca as the hub, with lines drawn from all the mosques in the world forming the spokes.”* O princípio regulador do desenho do espaço da mesquita, é a orientação litúrgica. Todos os edifícios de culto, do ‘mundo islâmico’, orientam-se segundo o mesmo lugar. Todas as linha convergem numa cidade com o centro num ponto, a cidade é Meca e o ponto a Caaba, é o *axis mundi* da cultura islâmica – expressão latina para se referir ao centro do mundo.

A Caaba uma construção cubica, muitas vezes reconstruída, cujo original remonta para o período de Maomé. Implantada na diagonal, estando as arestas do cubo, orientadas segundo os pontos cardeais. Caaba, é o centro do Islão, lugar onde todos os muçulmanos se voltam para orar, assim sendo o ‘mundo islâmico’ pode ser figurado como uma roda, com os raios a irradiar para a Caaba – o único edifício não direcional.⁶⁰

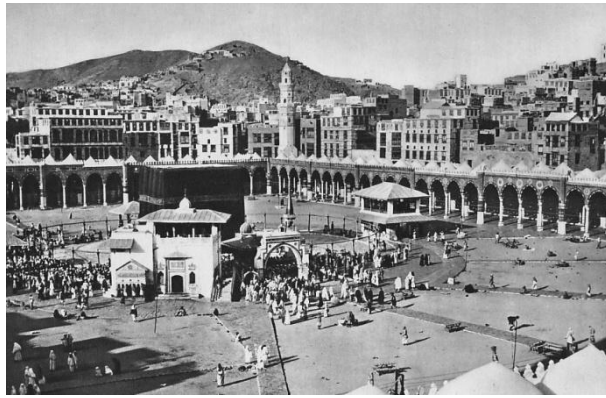
No ano de 629, Meca torna-se o foco da oração, o Islão ganha uma nova capital religiosa – embora não política – e um lugar sagrado de peregrinação. Posto isto, o conceito de um eixo direcional opera em dois estados: socialmente, como um ponto focal que relaciona toda a comunidade muçulmana, *umma*; e liturgicamente, como o foco da oração. A oração, *salat*, o segundo pilar pode ser interpretado como o uso relacional do eixo horizontal (qibla) com o eixo vertical (Meca). A mesquita do Profeta, em Medina, estabeleceu o protótipo para todos os edifícios religiosos islâmicos posteriores, designou a divisão bipartida da mesquita, bem como o princípio axial. *Mihrab*, é o eixo litúrgico tornado visível, assume a forma de um nicho arqueado e é o auge visual e litúrgico da mesquita – geralmente objeto de muita ornamentação. *“O mihrab, defronte à entrada, não é mais que uma porta para a Caaba. Não tem saliência, não tem corpo.”*⁶¹ Sucintamente, uma mesquita é formada por uma parede em angulo reto com o eixo direcional, um espaço onde homens e mulheres se ajoelham em fileiras, formadas no pavimento, e se prostram em oração.⁶²

⁵⁹ CORBUSIER, Le – A viagem do oriente. São Paulo : Cosac Naify, 2007. ISBN 978-85-7503-563-4, p. 95.

⁶⁰ GRUBE, Ernst J. [et al.] – Architectures of the Islamic World : its history and social meaning. 2ª ed. Reino Unido : George Mitchell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 16.

⁶¹ CORBUSIER, Le – A viagem do oriente. São Paulo : Cosac Naify, 2007. ISBN 978-85-7503-563-4, p. 94.

⁶² GRUBE, Ernst J. [et al.] – Architectures of the Islamic World : its history and social meaning. 2ª ed. Reino Unido : George Mitchell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 33-34.



INTERIOR DA GRANDE MESQUITA DE MECA - 1952

FIGURA 16

03.3

A MESQUITA

“É preciso um Lugar silencioso que tenha uma face voltada para Meca. Ele deve ser vasto para que o coração se sinta à vontade, alto para que as preces ali respirem. É preciso uma ampla luz difusa a fim de que não haja nenhuma sombra e, em todo o conjunto, uma simplicidade perfeita; e uma imensidão deve estar encerrada pelas formas. O chão deve ser mais vasto que uma praça, não para conter multidões, mas para que os poucos que vêm rezar tenham alegria e respeito ao se sentir nessa grande casa.”⁶³

É em relação ao eixo direcional que o mobiliário litúrgico se dispõe no espaço, mas considerando os estados de envolvimento litúrgico, é melhor referir em primeiro lugar as características externas de uma mesquita. Estas características incluem o minarete⁶⁴, a cúpula e a fonte de abluções, a última ocupa uma posição intermediária entre o exterior e o interior.

Quando o Islão solidificou o seu molde litúrgico, em Medina, os moldes de convocar os fiéis para as mesquitas tiveram de ser reinventados, em particular para a oração congregacional. Depois de um sonho, em que companheiros do Profeta viram um indivíduo a cantar para o convite a oração, Maomé disse a Bilāl – um escravo antes de se converter ao Islão – *“Mount up, Bilāl, and call the people to prayer”* foi, portanto, o primeiro Muezim⁶⁵ da história do Islão. O minarete, surge com a necessidade, em altura, de difundir os cânticos do Muezim pela cidade, com o objetivo de chamar para a oração.

Embora a coluna, o arco e a cúpula sejam descritos como trindade da arquitetura islâmica, a cúpula é sem dúvida a glória da arte islâmica, mesmo que liturgicamente não acarrete grande importância. Os primeiros exemplares, de cúpula, apareciam erguidos sobre o *qibla* – para marcar a sua presença do exterior e iluminar o interior. Numa fase mais recente, a cúpula, foi usada para cobrir a câmara mortuária, na qual se encontrava o corpo de Maomé. Depois desde acontecimento, a cúpula, alcançou uma posição central, e aumentou o seu tamanho; a mesquita ganhou em utilidade o que perdeu da presença divina – permitiu a visibilidade do imã⁶⁶ aos crentes.

⁶³ CORBUSIER, Le – A viagem do oriente. São Paulo : Cosac Naify, 2007. ISBN 978-85-7503-563-4, p. 93.

⁶⁴ **Minarete**, Torre do cimo da qual o muezim chama os muçulmanos para a oração. In: Islão de Bagdade a Córdoba, Henri Stierlin

⁶⁵ **Muezim**, funcionário da mesquita cujo dever é chamar os fiéis para a oração, cantarolando do cimo do minarete. In: Islão de Bagdade a Córdoba, Henri Stierlin

⁶⁶ **Imã**, Termo árabe que significa chefe do ritual de oração (literalmente: «aquele que está à frente»). Para os xiitas, o imã é o chefe da comunidades religiosa, o herdeiro da tradição islâmica e o intérprete dos ensinamentos do Profeta. In: Islão de Bagdade a Córdoba, Henri Stierlin



FIGURA 17

POSTAL ILUSTRADO - MESQUITA AZUL, ISTAMBUL

A cúpula, é um símbolo cósmico, na maioria das religiões tradicionais, e o Islão não é exceção simbolicamente representa a abóboda celeste da mesma maneira que o jardim figura o paraíso.

A fonte de abluções, intermediária do ambiente exterior e interior, está por norma localizada no centro do pátio para enfatizar a função iniciática da oração e do papel da água na religião. No Islão, a água é o veículo para a purificação atingindo um status quase sacramental. Para além, das fontes existem estruturas adicionais, destinadas a ablução, no interior da mesquita, geralmente na forma de um colossal jarro de mármore com lavatório e torneira – destinado aos idosos para que possam cumprir o rito sem o risco de exposição à inclemência. A ablução pode ser parcial ou total, vai depender do estado de impureza do crente, independentemente de ser parcial ou total, a ablução deve ser realizada com água potável. Para uma maior comodidade, a fonte possui torneiras de água morna e bancos baixos para que o crente possa-se isolar fisicamente do pavimento 'impuro'. As zonas húmidas deveram estar separadas do resto da mesquita, por uma zona mais baixa, característica definidora da fronteira entre as áreas de pureza e impureza ritual. Sendo que, a zona pura espaço de oração, geralmente encontra-se atapetada dando conforto aos fiéis e mantem o espaço limpo. É também, na entrada da mesquita, que se encontra outra barreira com o mesmo propósito, todos os utilizadores deverão retirar o calçado antes de entrar. As abluções, para além de um ato de auto purificação, são encaradas como um momento de passagem interior de um estado agitado para a calma necessária para o ato de oração.⁶⁷

Apesar das disparidades tipológicas da mesquita, com as variações regionais, existem elementos que são comuns a todas, nem sempre obrigatórios, mas que vão caracterizando as mesquitas de todo o 'mundo islâmico'. Elementos que variam na forma e dimensão, dependendo da importância da mesquita, tal como, as mesquitas congregacionais de sexta-feira.

⁶⁷ GRUBE, Ernst J. [et al.] – Architectures of the Islamic World : its history and social meaning. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 33-36.

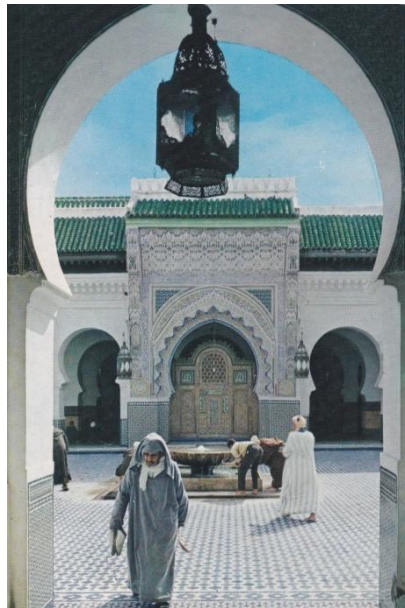


FIGURA 18

POSTAL ILUSTRADO – MESQUITA DE KAIROUYINE, FEZ

Os elementos básicos de uma mesquita são: definições In: Islão de Bagdade a Córdoba, Henri Stierlin

01. O *qibla*, "parede da mesquita orientada para Meca na perpendicular, na qual se encontra o *mihrab*. Durante a oração, os fiéis prostram-se virados para o *qibla*."

02. O *mihrab*, "nicho no muro do *qibla*, por cima do qual se erguia uma abóboda com um *cul-de-four* – telhado em forma de semicúpula. O *mihrab* indica a direção de Meca, para qual o crente se volta durante o ritual de prostração que integra as orações islâmicas."

03. O *minbar*, "assento elevado ou púlpito colocado à direita do *mihrab* nas mesquitas. Do alto dos degraus do *minbar* o pregador dirige-se à congregação."

04. A *dikka*, plataforma elevada, por norma alinhada com o *mihrab*, através dela os fiéis podem acompanhar os movimentos do imã.

05. O *kursi*, elemento onde é pousado o Alcorão.

06. A fonte de abluções, nascente de água, algumas podem servir o ritual de abluções, mas também podem ser apenas decorativas – geralmente colocadas no centro do pátio – quando são apenas decorativas o local para as abluções encontra-se junto a entrada, onde o calçado é retirado.

07. O *minarete*, "torre do cimo da qual o muezim chama os muçulmanos para a oração." Para além, da função do chamamento dos fiéis o minarete é um símbolo do Islão. Comunica a presença muçulmana no lugar onde se inserem, por norma com um máximo de quatro minaretes por mesquita, o número distingue a importância perante a comunidade islâmica – apenas a Grande Mesquita de Meca, onde se encontra a Caaba, contém sete minaretes como símbolo do lugar mais sagrado do Islão.

08. O *portal*, elemento que faz a ligação entre o exterior e interior.

09. O *sahn* (pátio), espaço definido, parcialmente coberto, por norma rodeado por colunas em três dos seus lados e o restante permite o acesso à sala de oração.

10. O *haram* (sala de oração), espaço coberto que serve de sala de oração, mulheres e homens tem espaços distintos. A zona reservada às mulheres, encontra-se na zona mais distanciada da *qibla*, na sala de orações, e com uma área consideravelmente mais pequena.

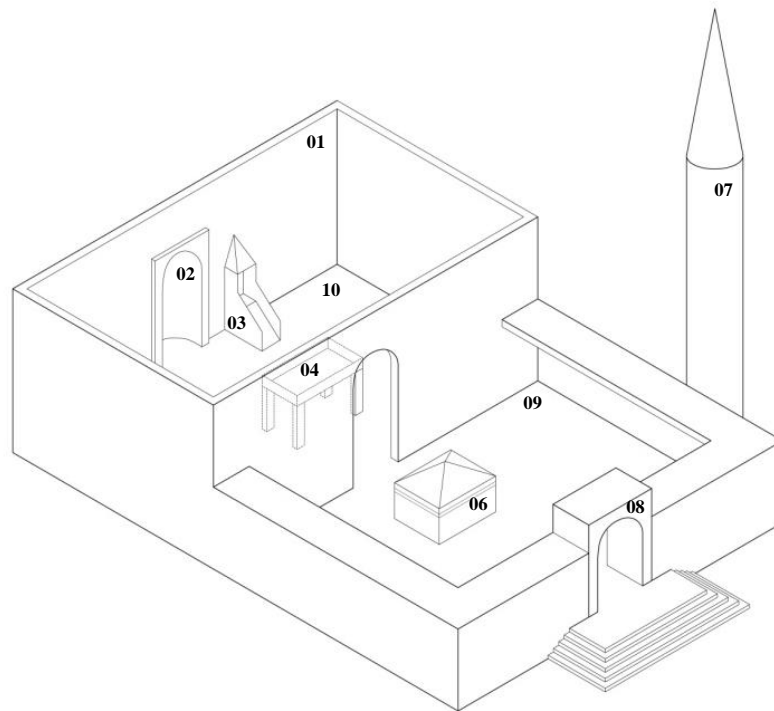


FIGURA 19

ESQUEMA ILUSTRATIVO DE UMA MESQUITA TIPO

03.4

TIPOLOGIAS DAS MESQUITAS

Ao longo da história do Islão, quatro tipos, básicos, de mesquita surgiram na Ásia ocidental e central e no norte de África; **a mesquita hipostila árabe, a mesquita de quatro-*iwan* (pérsia), a mesquita de três cúpulas indiana** e por fim **a mesquita de cúpula central turca**. Independentemente de diferenças regionais, expressões arquitetónicas, ambiente sociológico e o Islão não ter ordens rígidas quanto a liturgia, o ritual de oração é sempre executado da mesma forma. Assim, o ‘mundo muçulmano’ procede ao mesmo ritual de oração, *umma*, prostrados numa disparidade de modelos arquitetónicos. ⁶⁸

A Mesquita Hipostila Árabe

A rápida expansão da comunidade islâmica, durante a vida do profeta, despoletou, também rapidamente, a necessidade de um espaço construído que albergasse a oração comunitária. O ponto de partida, como anteriormente referido, é a casa do profeta em Yathrib (Medina) e as seguintes mesquitas seguiram o padrão definido neste marco arquitetónico, por exemplo, a Grande Mesquita de Cairuão apenas difere na dimensão. Tal como as mesquitas que sucederam, o dualismo entre o pátio e o interior da sala de oração foi mantido. O edifício não possuía parede externa nem portal, mas apresentava novos elementos novos: a parede do qibla e o mihrab, por um lado, e o minarete por outro – viria a tornar-se uma torre emblemática para a caracterização geral da mesquita.

Tendo em conta, a proibição da representação figurativa, a ornamentação começou a ser desenvolvida com grande força. O *mihrab* foi objeto de investimento, adquiriu estruturas geométricas cada vez mais complexas, e decorações sumptuosas - podemos confirmar estas características, na Mesquita de Córdoba. A sua forma segue o modelo de mesquita original, ainda assim, as colunas e vãos acarretam uma aparência gloriosa, veio a tornar-se um símbolo da arquitetura Islâmica, outro bom exemplo é a Grande Mesquita de Damasco.

Devido à diminuição da autoridade central do califado, nos séculos XI e XII, o poder foi sendo distribuído entre uma nova série de estados que se formaram entre Marrocos e a Índia. A mudança, na estrutura política, levou a variações regionais da Arquitetura das mesquitas, cada estado islâmico desenvolveu a sua identidade arquitetónica – uma resposta ao clima da região, aos materiais disponíveis localmente e ao artesanato tradicional. ⁶⁹

⁶⁸ STEGERS, Rudolf – Sacred Buildings : A design manual. Rasel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4, p. 47.

⁶⁹ STEGERS, Rudolf – Sacred Buildings : A design manual. Rasel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4, p. 47.

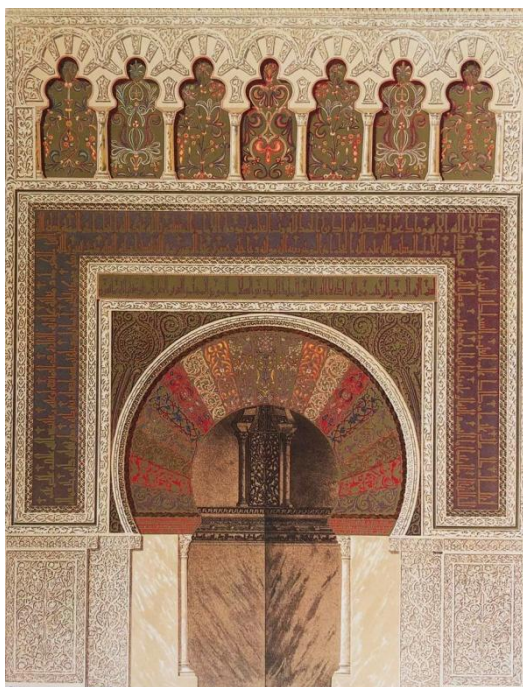


FIGURA 20
GRAVURA DO MIHRAB DA MESQUITA DE CÓRDOBA

A Mesquita de Quatro-Iwan

Os mestres de obra, na Pérsia, integraram nas suas construções a referência dos palácios de quatro-*Iwan*, da época pré-islâmica. A tipologia básica é composta por quatro pórticos abobadados, dispostos axialmente em torno de um pátio, este arranjo axial – que foi adotado em quase toda a parte – enfraquece o domínio do *qibla*. A Grande Mesquita de Isfahan é o exemplo do auge desta tipologia, mais do que qualquer outro edifício, reflete a história da arquitetura da mesquita na Pérsia. Até ao século XI manteve a tipologia árabe de pátio e hipostila, no século XII, foi reconstruída sob o plano de quatro-Iwan (ver figura 08).

O fascínio pela geometria também predominou na Pérsia, o ornamento tornou-se sinónimo de celestial e eterno. Para aumentar o enaltecimento dos edifícios, a caligrafia era usada, também, como ornamento – as inscrições expressam as palavras de Deus através do Alcorão – cuidadosamente elaboradas à mão, variadas inscrições artísticas foram usadas para decorar azulejos, pedras, paredes, cúpulas, portais e minaretes.⁷⁰

A Mesquita de Três Cúpulas Indiana

No século XI, os guerreiros muçulmanos invadiram a Índia, e após a queda de Peshawar, no Paquistão, o caminho para o rio Ganges estava aberto – um dos maiores do subcontinente Indiano – a área foi colonizada por muçulmanos e o Sultanado de Deli foi fundado. Para declarar o poder do Islão foi erguida uma mesquita, a Grande Mesquita de Deli, cujo minarete foi concebido como símbolo da conquista – posteriormente a torre chegou a alcançar 72,5 metros de altura.

A arquitetura islâmica, no subcontinente Indiano, deixou-se influenciar maioritariamente pela construção tradicional local e regional e, também, pelos artesãos em parte trazida por operários e construtores hindus. Durante o Sultanado de Deli, por exemplo, a alvenaria passou a executar-se em pedra. Nos séculos XV e XVI, quando a Índia estava sob o domínio do Império Mogol, surge uma das tipologias mais relevantes da arquitetura islâmica – uma fusão entre a construção hindu e islâmica – uma mesquita com três cúpulas e um pátio muralhado. A mesquita Jama Masjid, a maior mesquita da Índia na cidade de Deli, é um bom exemplo desta simbiose de culturas. O edifício tem três grandes entradas, quatro torres baixas e dois minaretes, com 40 metros de altura. O edifício destaca-se pelo arenito vermelho e o mármore branco, pode albergar até 25.000 crentes de uma só vez no pátio.⁷¹

⁷⁰ STEGERS, Rudolf – Sacred Buildings : A design manual. Basel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4, p. 48.

⁷¹ STEGERS, Rudolf – Sacred Buildings : A design manual. Basel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4, p. 48.



GRANDE MESQUITA DE DELI

FIGURA 21

A Mesquita de Cúpula Central Turca

Desde o século IX, que os turcos já desempenhavam um papel na política islâmica, por isso, também quiseram encontrar a sua própria expressão através do edifício da mesquita. A tipologia tem como base a mesquita do profeta – espaço hipostilo regular – no entanto cada quadrado foi coberto com uma pequena cúpula hemisférica, como se pode ver na Ulu Camii⁷², em Bursa na Turquia. Com uma aparência compacta, composta por 20 cúpulas e dois minaretes que fazem dela particularmente monumental.

Com a instituição do Império Otomano, no século XIV, e a conquista de Constantinopla, em 1453, a Arquitetura Turca anuncia novas expressões arquitetónicas, sendo que a cúpula adquire uma maior importância. A Igreja de Hagia Sophia, erguida pelo imperador bizantino Justiniano I no século VI, foi convertida em mesquita logo após a conquista da cidade junto ao Bósforo. A marcada presença urbana da Hagia Sophia na cidade inspirou Mimar Sinan, o arquiteto real de Suleiman II, a desenvolver uma nova expressão arquitetónica, que se inspira no carácter cristão da Hagia Sophia e transforma numa espacialidade com a essência muçulmana. Com esta vontade a cúpula adquiriu uma grande importância, que dura até aos dias de hoje, e tornou-se o elemento identificador da Arquitetura da mesquita Otomana.

Este tipo de mesquita Otomana define-se por uma planta retangular, que possuem um espaço centralizado coroado por uma grande cúpula cercada por semicúpulas. O espaço central abre-se para um pátio, onde por norma se encontra a fonte de abluções, cercado por arcadas cobertas por pequenas cúpulas. A sala de oração é enfatizada através da sucessão de semicúpulas em contraste, o interior com o exterior, com os minaretes em forma de agulha. A Mesquita do Sultão Ahmed, mais conhecida como Mesquita Azul, é uma das mais consagradas mesquitas da sua época. Com seis minaretes construídos, a mesquita gerou bastante controvérsia, visto que apenas a Grande Mesquita de Meca – o lugar mais sagrado do Islão – possuía seis minaretes. Devido à polémica em torno da Mesquita, em honra do Sultão Ahmed I, o governante resolveu o problema ordenando a construção do sétimo minarete na Grande Mesquita de Meca – atualmente adquire 9 minaretes.⁷³

⁷² Palavra turca para referir mesquita.

⁷³ STEGERS, Rudolf – Sacred Buildings : A design manual. Basel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4, p. 48-49.



FIGURA 22

INTERIOR SÜLEYMANIYE COMPLEX MOSQUE

04

O PODER

CAPITULO 04

04.1 O PODER

***“ A Arquitectura não é apenas a expressão de um único poder. Reflete e trabalha a partir de vários poderes. (...) Deste modo surge o poder colectivo, o regulador, tecnológico, económico, doméstico, cultural, mediático e o ritual. No lastro longo da relação entre homem e natureza, cultura e tecnologia estes poderes desempenharam forças de intensidade variável na produção de artefactos arquitetónicos e no desenho da cidade e do território. Hoje, face a uma importância política que desculpa e valida decisões que lesam a coisa pública e o significado das comunidades, parece haver lugar para uma nova reflexão sobre o poder.”*⁷⁴**

Associado a um espaço edificado, com certeza, estão inúmeras camadas de significados que compõem a arquitetura. Ultrapassa a matéria, sem deixar de sê-la, a arquitetura é um instrumento regulador da relação do homem com a natureza, estando ela ou não construída. O conceito mais primitivo que podemos atribuir a Arquitetura é o de abrigo, contudo com o evoluir dos tempos Arquitetura é muito mais que a necessidade de podermos abrigar-nos. *“Arquitetura é, a Arte e Ciência, responsável de garantir que as nossas cidades e edifícios se encaixam, verdadeiramente, na maneira como queremos viver a nossa vida: o processo de manifestar a nossa sociedade no mundo físico.”*⁷⁵

Um edifício religioso, não é exceção, é a tradução de algo transcendente em matéria, e em simbolismo particular, vivido pelo homem. Esta relação com a religião, apenas pode ser operada através da arquitetura, devido à necessidade de espaços adequados às atividades religiosas.

A Arquitetura do ‘mundo islâmico’ é composta por edifícios religiosos e por edifícios seculares. Representam mais que, apenas, aspetos funcionais e arquitetónicos, uma mesquita poderá ser a ilustração do poder político e da soberania, a Grande Mesquita de Damasco é exemplo disso. Damasco, uma antiga cidade romana, até certo ponto passou a ser greco-romana, por isso, a Grande Mesquita de Damasco surge sobre as raízes da Basílica de São João Batista. Inicialmente, o edifício era compartilhado pelos fiéis cristãos e muçulmanos, no entanto, com o aumento mais rápido da população muçulmana, em relação aos cristãos, acabou por ser convertida em mesquita.

⁷⁴ CASA DA ARQUITECTURA - “Poder Arquitectura” [Em linha]. [Consult. 4 Abr. 2019]. Disponível em [www:< http://casadaarquitectura.pt/poder-arquitectura-exposicao-inaugural-do-casa-da-arquitectura/>](http://casadaarquitectura.pt/poder-arquitectura-exposicao-inaugural-do-casa-da-arquitectura/)

⁷⁵ Archdaily – O que é Arquitetura? [Registo vídeo]. 2014 [Consult. 21 Out. 2019]. Disponível em [www:<URL: https://www.archdaily.com.br/br/01-178048/ad-brasil-entrevista-bjarke-ingels-slash-big >](https://www.archdaily.com.br/br/01-178048/ad-brasil-entrevista-bjarke-ingels-slash-big). (00.14 min.).

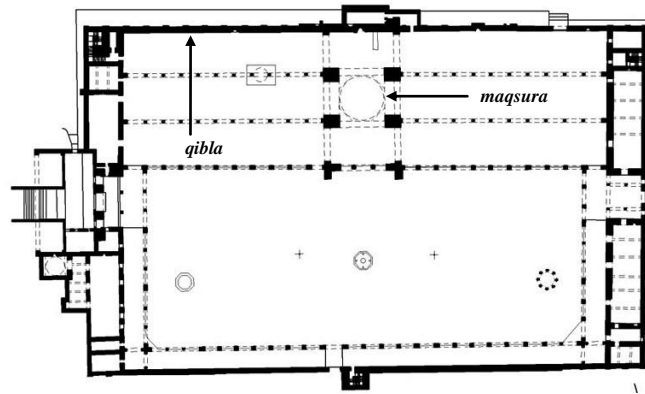


FIGURA 23

PLANTA MESQUITA DE DAMASCO

Deste modo, o califa Ualide I ordena a demolição da basílica, e em honra de S. João Batista, é erguida uma grande mesquita – este acontecimento reflete a importância do poder na construção. Quando se dá o aumento da população muçulmana, o califa apercebe-se que conquistava mais apoiantes com a construção de um lugar de culto, para a população muçulmana.

Na planta [ver figura 3], da Grande Mesquita de Damasco, está identificado a *maqsur*⁷⁶– lugar destinado ao soberano onde fazia as suas orações. Nas mesquitas anteriores, à Grande Mesquita de Damasco, não encontramos este espaço. Para além, da construção de uma grande mesquita congregacional a ideia de hierarquia espacial, dentro da mesquita, também foi uma ideia introduzida com a intenção de valorizar a grandiosidade do poder governador. Posto isto, é possível afirmar, que a Grande Mesquita de Damasco, é um projeto de uma mesquita imperial. Uma mesquita, no seu essencial, apenas necessita da parede do qibla, contudo, neste caso concreto alguns elementos atípicos são introduzidos para a glorificação do poder.⁷⁷

A expressão do poder sempre foi uma das funções da arquitetura. No caso específico do Islão, esta função, é mais difícil de isolar, visto que é impregnado em qualquer tipo de edifício. Ainda assim, em comparação com outros padrões arquitetónicos, não deixa de ser verdade que o poder está intimamente ligado à Arquitetura - Akbar⁷⁸ vivia o poder tanto quanto Luís XIV. Durante o governo, dos líderes antes descritos, a manifestação do poder cumpria-se através da Arquitetura, como ferramenta de comunicação de uma mensagem.

A comunicação de uma ideia, através da Arquitetura, pode decorrer em dois níveis: mental e formal. O nível formal, ou físico, é figurado diretamente pelo edifício – resultado da escolha do tamanho, escala, materialidade entre outros inúmeros fatores variantes. A representação mental é uma apreensão cognitiva, molde como os indivíduos leem o lugar, este ponto, defronta-se com processos sociais e memoriais. É o agente que atua na identificação individual dos lugares, através de imagens mentais ou representações visuais que são exclusivas de cada indivíduo ou cultura.⁷⁹ Em outras palavras, um edifício de culto, neste caso a mesquita, é percebido diferentemente por um ateu ou por um muçulmano. Não falamos apenas do sentimento, diferenciado, que o edifício transmite a cada um, mas também, como cada indivíduo atua no espaço.

A Arquitetura sempre acompanhou a evolução humana, auxiliando a tradução do discurso histórico em algo edificado, as restantes Artes estiveram igualmente presentes no decorrer da história das variadas expressões culturais. Ainda que, apenas a Arquitetura, incluí a dimensão temporal, é através do edificado que a linha do tempo se exprime. A Arquitetura é a materialização das necessidades, vontades e memórias de uma determinada comunidade – reflexo do poder social, político e religioso. Principal meio de propaganda dos regimes políticos e instituições religiosas, Luís XIV é o expoente deste fenómeno – do qual utiliza o edifício como meio de ostentação do poder.

⁷⁶ **Maqsur**, espaço vedado à volta da zona mais sagrada da mesquita (o *minbar* e o *mihrab*), onde o soberano fazia as suas orações. Por extensão, veio também a designar os painéis ou lajes perfuradas (claustra) que envolviam um túmulo. . In: Islão de Bagdade a Córdova, Henri Stierlin

⁷⁷ BULUT, Firdevs – The Visual Representation of Authority in Islamic Art and Architecture [Em linha]. [Consult. 24 de Set. 2019]. Disponível em [www.<https://www.academia.edu/4397483/The_Visual_Representation_of_Authority_in_Islamic_Art_and_Architecture?auto=download>](https://www.academia.edu/4397483/The_Visual_Representation_of_Authority_in_Islamic_Art_and_Architecture?auto=download)

⁷⁸ **Akbar**, o terceiro e maior dos imperadores mogóis da Índia – consolidou e ampliou o Império Mogol com grande êxito. Akbar foi também mecenas da cultura e das artes, possuía um grande interesse na religião e no seu conhecimento.

⁷⁹ FIRZAL, Yohanns – Power practice in architecture : Redefining local architecture in decentralisation era. Manifestations of architecture in Indonesia: International Conference [Em linha]. [2015], p. 38. [Consult. 24 Set. 2019]. Disponível na internet:<URL: file:///C:/Users/HP/Downloads/MAI_2015Yfirzal.pdf>.



FIGURA 24

FORTALEZA DE RUMELIHISARI NO BÓSFORO, ISTAMBUL

04.2 O PODER DA MEMÓRIA, CONSTRUÇÃO COMO VEÍCULO DO TEMPO

***“Pelo contrário, na sua forma mais genuína, o impulso arquitetural parece ligado a um anseio de comunicação e de comemoração, um desejo de nos declararmos ao mundo através de um registo diferente do das palavras, por meio da linguagem dos objetos, das cores e dos tijolos: uma ambição de que os outros saibam quem somos – e, ao mesmo tempo, de que não o esqueçamos nos mesmos.”*⁸⁰**

Atendendo que a Arquitetura é única Arte que acomoda vida, podemos afirmar, que é ela que marca a presença do Homem no lugar que habita. É a Arte mais espontânea, advém da necessidade humana de criar memória através de um discurso físico. Uma memória de algo está sempre, inevitavelmente, ligada a um lugar mesmo que não seja o fator determinante, é fulcral caracterizar a memória através da condição do espaço – falamos de memória individual e também coletiva. *“Parecemos incapazes de olhar para edifícios ou peças de mobiliário sem os associar a circunstâncias históricas ou pessoais da nossa perspectiva. Por, isso, os estilos arquitetónicos ou decorativos tornam-se, para nós, recordações emocionais dos momentos e dos ambientes em que nos cruzámos com eles”*⁸¹

Os edifícios, de maior ou menor importância, adquirem em si uma imensidão de memórias, e permitem a aqueles que por eles passaram a possibilidade de também adquirir memórias. Os edifícios de culto não são exceção, muito pelo contrário, é através da arquitetura que o espaço encarna as ideias que prezamos.

*“(…) os primeiros teólogos especularam que tornamo-nos fiéis servos de Deus podia ser mais fácil olhando do que lendo. Afirmavam que a humanidade podia ser mais eficazmente formada pela arquitetura do que pelas Sagradas Escrituras.”*⁸² Posto isto, é possível afirmar que a Arquitetura é forma mais clara e duradora de espalhar a mensagem religiosa. É o veículo, no tempo, das crenças, da memória, da caracterização social e do poder que o edifício comporta na cidade.

*“O próprio princípio da arquitetura religiosa tem a sua origem na noção de que o lugar onde estamos determina de forma marcante aquilo em que somos capazes de acreditar. Para os defensores da arquitetura religiosa, por mais convencidos que estejamos a nível intelectual do nosso empenhamento num credo, só lhe permaneceremos continuamente dedicados quando isso for afirmado pelos nossos edifícios.”*⁸³

⁸⁰ BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 139-140.

⁸¹ BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 104-105.

⁸² BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 130.

⁸³ BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 118.

Ainda que, ao longo do tempo os edifícios se vão reformando os valores principais permanecem, são eles que constroem a identidade de um determinado espaço. E são esses mesmo valores que se mantêm ao longo do tempo que constroem uma memória geral do edifício, enquanto resultado da coletividade. Posto isto, é através da ideia de coletividade que surge a necessidade de recordar o passado, e é através do passado, reinventado que se constroem o presente e futuro.

Tal como construímos túmulos e mausoléus, em memória dos que já não estão entre nós, como também, construímos edifícios para marcar a nossa existência na terra.⁸⁴ *“Talvez tenham sido as grandes religiões do mundo que deram uma maior importância ao papel desempenhado pelo ambiente na determinação da identidade [do espaço].”*⁸⁵ Indubitavelmente, o ambiente de um lugar é definido, para além dos elementos formais que nele estão colocados, através daquilo que nos fala, em outras palavras, o que o nosso subconsciente vai buscar às nossas vivências e memórias. Traduz-se em aspetos negativos e/ou positivos, como a felicidade e a beleza. *“Um aspeto mais perturbador das associações reside na sua natureza arbitrária, na forma como podem levar-nos a emitir um veredicto sobre objetos ou edifícios por razões que não se prendem com as virtudes ou vícios especificamente arquitetónicos. Podemos, por exemplo, decidir que detestamos o gótico do século XIX apenas porque ele caracterizou um edifício em que fomos infelizes na universidade (...).”*⁸⁶ Posto isto, o edifício de culto, mais do que qualquer outro edifício, adquire em si uma longa memória – percorrendo o campo litúrgico ao histórico e simbólico.

A Arquitetura é o fundamento do habitar em coletivo, ela descreve o espaço onde decorre a vida, onde nos movemos, usamos e permanecemos, é o reflexo de quem a habita. Torna-se o pano de fundo, e ao mesmo tempo, é o veículo da vida ao longo dos tempos. E à semelhança da descrição, de Federico Fellini, sobre o Cinema a Arquitetura, poderá dizer-se, que *‘é um modo divino de contar a vida’*.

⁸⁴ ROSSI, Aldo – *A arquitectura da cidade*. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1916-9, p. 40.

⁸⁵ BOTTON, Alain de – *A arquitetura da felicidade*. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 118.

⁸⁶ BOTTON, Alain de – *A arquitetura da felicidade*. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 107.

05

ARQUITETURA.PODER.RELIGIÃO.

COMENTÁRIO FINAL

05

COMENTÁRIO FINAL – ARQUITETURA. PODER. RELIGIÃO.

“(...) precisamos de locais onde os valores exteriores reforcem as aspirações que acalentamos. Podemos estar mais perto ou mais longe de Deus consoante o que está representado nas paredes e nos tectos.”⁸⁷

Será prudente começar por explicar o título do ensaio: Arquitetura. Poder. Religião. Numa primeira leitura, será óbvio para quem leu todo o conteúdo, que me refiro aos três temas desenvolvidos ao longo do trabalho. Mas podemos ir um pouco mais fundo, perceber que a sua ordem não é aleatória, estando no centro, ou entre, a Palavra Poder devido a sua força conectiva dos dois restantes temas. Por outras palavras, é o poder que une a Religião com a Arquitetura, pode-se verificar em vários níveis, como por exemplo, o poder inerente à própria religião define o tamanho, escala, e importância do próprio edifício – sendo a Grande Mesquita de Meca o edifício com mais ‘poder’ do Islão.

Este ensaio iniciou-se a partir de pressupostos que orientaram a investigação, foram os mesmos que permitiram questionar a base que os sustentou. Como são exemplo as seguintes inquietações: Será que existe espaço público na ‘cidade islâmica’? De que forma as doutrinas litúrgicas influenciam o espaço de culto – mesquita? O presente ensaio não tem como objetivo encerrar as questões, mas sim, abrir a porta para a discussão de um tema que aparece esquecido e/ou mal interpretado. Expressa a tentativa de uma análise isenta, e demonstrativa das verdadeiras qualidades e intenções da Arquitetura Islâmica.

A Arquitetura Islâmica é verdadeiramente distinta e inconfundível de qualquer outro tipo de expressão arquitetónica, é um conceito metafísico da cultura islâmica. Na medida em que, a Arquitetura é uma manifestação do espírito do Islão, o adjetivo ‘islâmico’ é totalmente justificável ao seu uso. O Islão tornou-se numa religião de cidade, sendo um dos motivos a necessidade da mesquita se estabelecer num lugar fixo. O centro na vida urbana levou a um grande desenvolvimento urbano, ao longo do tempo, a ‘cidade islâmica’ evolui gradualmente, as mesquitas e as madraças atuam na cidade como centros religiosos e políticos das comunidades e os mercados como centro da vida comercial e social.

Por certo, poderá dizer-se que apenas existem, genericamente, dois tipos de espaço público: o *maidan* e o espaço de circulação. Como, anteriormente foi descrito, ambos os casos são lugares de transição e circulação de

⁸⁷ BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1, p. 118.

pessoa, o que poderá causar estranheza. Habitualmente associamos espaço público a lugares, primeiramente, de uso e posse de todos, e secundamente, lugares na cidade que promovem relações e encontros da comunidade. No caso, específico, do 'mundo islâmico' os lugares de interação comunitário aparecem, geralmente, no interior de edificado – mercados, madraças e mesquitas. Deste modo, o espaço público tem genericamente a função de mover as pessoas dentro da cidade.

A 'arquitetura oculta' – arquitetura que apenas se 'mostra' no interior – está presente por toda a parte, do 'mundo islâmico', demonstra que o que caracteriza um edifício islâmico não é a sua forma, mas a mensagem que expressa. Por conseqüente, é de notar a ausência de uma forma arquitetónica específica para diferentes tipos de programa, são poucos os edifícios que não se adaptam a diferentes ocasiões e necessidades. A centralização no interior é a principal característica da 'cidade islâmica', traduzida formalmente em pátios, públicos e privados, desencadeia a evolução de uma malha urbana irregular e cheia de ruas estreitas e tortuosas.

Visto que a oração, no Islão, pode ser consumada em quatro níveis sendo que a oração de grupo é mais virtuosa, o valor de congregação é a base de uma mesquita. Sendo que, as necessidades litúrgicas determinam as tipologias, de acordo com o critério funcional e o cultural ou geográfico. O Islão caracteriza-se pela falta de símbolos visuais, o que por sua vez, encaminha a arquitetura para o desenvolvimento e integração de pequenos elementos que auxiliam a composição do espaço litúrgico. Genericamente, uma mesquita é formada por uma parede em ângulo reto com o eixo direcional, um espaço onde homens e mulheres se ajoelham em fileiras, formadas no pavimento, e se prostram em oração.⁸⁸

Dados aos poucos requisitos necessários para a elaboração de uma mesquita, é certo que, existe alguma liberdade criativa no presente e futuro, falamos de elementos simbólicos, construtivos e da ausência de variadas necessidades litúrgicas. Atualmente, o Islamismo está a espalhar-se gradualmente por todo mundo, e por conseqüente, a necessidade de uma nova reflexão sobre o edifício religioso, fora do seu contexto geográfico/cultural. Assim sendo, a mesquita estará cada vez mais fora do seu contexto, fruto das mudanças políticas internacionais e da crescente aceitação da comunidade muçulmana pelo mundo, em especial na Europa. Para tal, exige uma diferente abordagem de uma mesquita inserida numa 'cidade islâmica', em comparação, com a abordagem de inserção do edifício de culto numa cidade ocidental. É certo o desenvolvimento de uma nova linguagem, associada a edifícios de culto fora do seu contexto, desde espaços ecuménicos a mesquitas contemporâneas.

⁸⁸ GRUBE, Ernst J. [et al.] – Architectures of the Islamic World : its history and social meaning. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 33-34.

ANEXO

FOTOGRAFIAS DA VIAGEM A ISTAMBUL



FOTOPANORAMICA DE ISTAMBUL, TURQUIA

FIGURA 25

⁸⁹ CORBUSIER, Le – A viagem do oriente. São Paulo : Cosac Naify, 2007. ISBN 978-85-7503-563-4, p. 90.

“Istambul é um aglomerado compacto; toda morada mortal é de madeira, toda morada de Alá é de pedra”⁹⁷



HAGIA SOPHIA , ISTAMBUL

FIGURA 26



HAGIA SOPHIA , ISTAMBUL - DURANTE O FIM DO RAMADÃO

FIGURA 27



MESQUITA AZUL , ISTAMBUL

FIGURA 28



VISTA SOBRE O MAR DE MÁRMARA

FIGURA 29



PÁTIO DA MESQUITA SÜLEYMANIYE

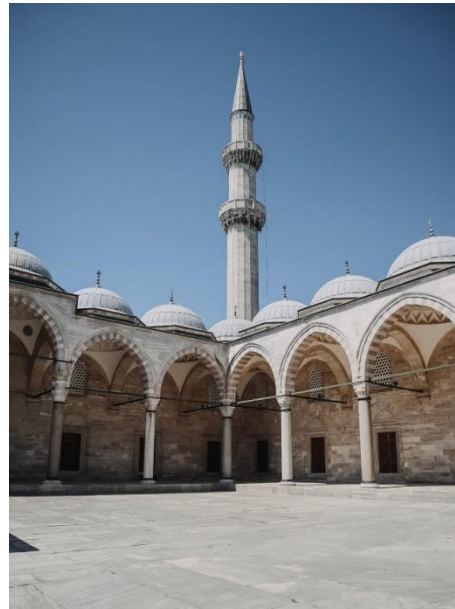
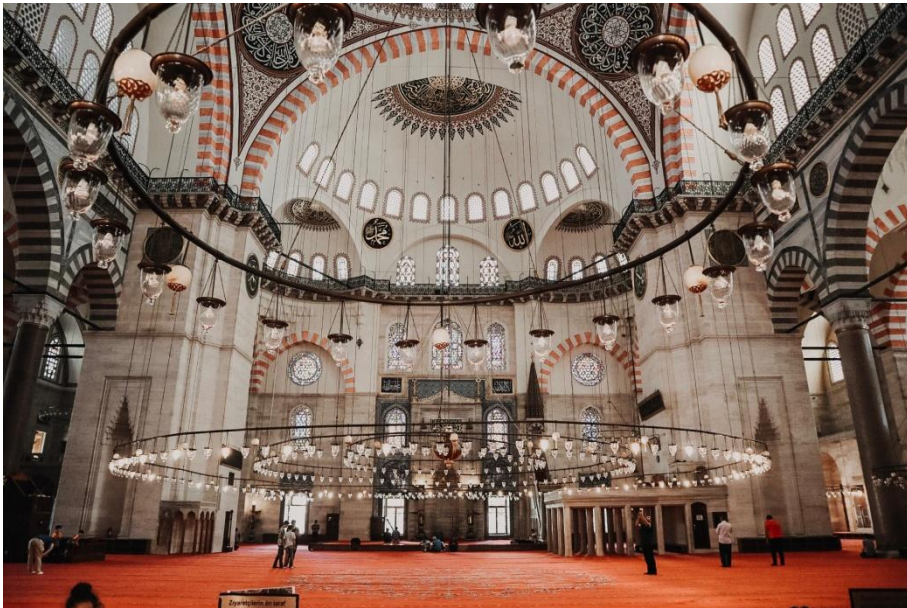
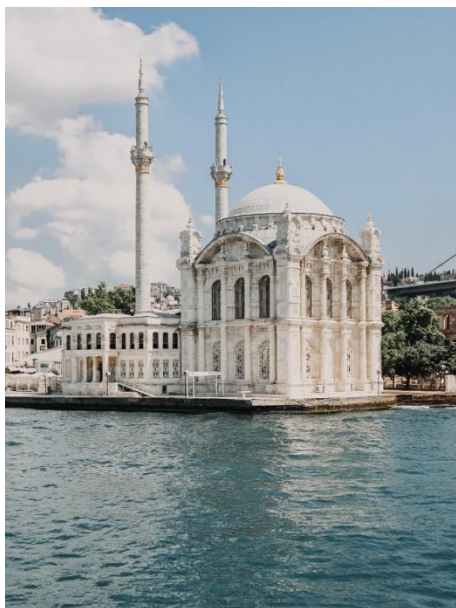


FIGURA 30, 31



INTERIOR DA MESQUITA SÜLEYMANIYE

FIGURA 32



COSTA DO BÓSFORO



FIGURA 33, 34



INTERIOR DO PALÁCIO TOPKAPI



FIGURA 35, 36



ANTIGA IGREJA DE SÃO SÉRGIO E SÃO BACO

FIGURA 37



FIGURA 38

ANTIGA IGREJA DE SÃO SÉRGIO E SÃO BACO

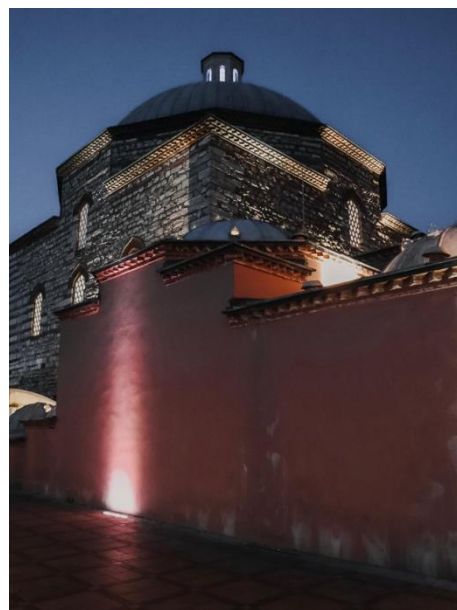


FIGURA 39

BANHOS DE ROXELANA

BIBLIOGRAFIA

AL-HILÂLÎ, Dr. Muhammad Taqî-ud-Dîn; KHÂN, Dr. Muhammad Muhsin – The Noble Qur’na : in the english language. Medina : King Fahd complex. ISBN 9960-770-15-X.

ALSAYYAD, Nezar – Space in a islamic city: some urban design patterns. Journal of Architectural and Planning Research [Em linha]. Vol. 4, n.º 2 (1987), p. 109-110. [Consult. 29 Ago. 2019]. Disponível na internet:<URL: https://www.jstor.org/stable/43029486?seq=1#page_thumbnails_tab_contents>. ISSN 0738-0895.

Archdaily – O que é Arquitetura? [Registo vídeo]. 2014 [Consult. 21 Out. 2019]. Disponível em [www:<URL: https://www.archdaily.com.br/br/01-178048/ad-brasil-entrevista-bjarke-ingels-slash-big >](http://www.archdaily.com.br/br/01-178048/ad-brasil-entrevista-bjarke-ingels-slash-big).

BOTTON, Alain de – A arquitetura da felicidade. 2ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-3932-1.

BULUT, Firdevs – The Visual Representation of Authority in Islamic Art and Architecture [Em linha]. [Consult. 24 de Set. 2019]. Disponível em [www:< https://www.academia.edu/4397483/The_Visual_Representation_of_Authority_in_Islamic_Art_and_Architecture?auto=download >](https://www.academia.edu/4397483/The_Visual_Representation_of_Authority_in_Islamic_Art_and_Architecture?auto=download).

CASA DA ARQUITECTURA - “Poder Arquitectura” [Em linha]. [Consult. 4 Abr. 2019]. Disponível em [www:< http://casadaarquitectura.pt/poder-arquitectura-exposicao-inaugural-da-casa-da-arquitectura/ >](http://casadaarquitectura.pt/poder-arquitectura-exposicao-inaugural-da-casa-da-arquitectura/).

CORBUSIER, Le – A viagem do oriente. São Paulo : Cosac Naify, 2007. ISBN 978-85-7503-563-4.

DUSHKES, Laura S. – The architect says : Quotes, quips, and words of wisdom. Nova Iorque : Laura S. Dukes, 2012. ISBN 978-1-61689-093-3.

ELIADE, Mircea – O sagrado e o profano. 1ª ed. São Paulo : Silvana Vieira, 1992. ISBN 85-336-0053-4.

FALAHAT, Somaiyeh – Re-imagining the city : a new conceptualisation of the urban logic of the “islamic city”. Berlim : Springer Vieweg, 2014. ISBN 978-3-658-04596-8.

FIRZAL, Yohanns – Power practice in architecture : Redefining local architecture in decentralisation era. Manifestations of architecture in Indonesia: Internatinal Conference [Em linha]. (2015), p. 38. [Consult. 24 Set. 2019]. Disponível na internet:<URL: file:///C:/Users/HP/Downloads/MAI_2015Yfirzal.pdf>.

GRUBE, Ernst J. [et al.] – Architectures of the Islmic World : its history and social meaning. 2^ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5.

HATTSLEIN, Markus; DELIUS, Peter – Islam : art and architecture. China : Tandem Verlag, 2007. ISBN 978-3-8331-3534-7.

MICHON, Jean-Louis [et al.] – La ciudad islámica. 1^ª ed. Barcelona : R. B. Serjant, 1982. ISBN 92-3-301665-X.

PETERSEN, Andrew – Dictionary of Islamic Architecture. Nova Iorque : Routledge, 1999. ISBN 0-415-06084-2.

ROSSI, Aldo – A arquitetura da cidade. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1916-9.

STEGERS, Rudolf – Sacred Buildings : A design manual. Basel : Birkhäuser Verlag AG, 2008. ISBN 978-3-7643-6683-4.

STIERLIN, Henri – Islão : de Bagdade a Córdoba. Colónia: Susanne Klinkhamels, 1997. ISBN 3-8228-8485-5.

TINCO, Henri – As grandes Religiões do Mundo – Judaísmo, Cristianismo e Islão. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2016. ISBN 978-989-8811-19-6. Vol. 1.

TORABIYAN, Mohammad; NEJAD, Kazen Mosawi – Islamic Architecture ans Its Challenges. International Journal of Architectural and Environmental Engineering. ISSN: 000000091950563. Vol. 8, n^º2 (2014).

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01 - Minaret de'la grande mosquée [Documento icónico]. Tunis : Kahia : cores.

Figura 02 - Column maze ate the mosque, cordoba [Documento icónico] : sépia.

Figura 03 - [Documento icónico] : cores. [Consult. 24 Out. 2019]. Disponível na internet: <URL: <https://meccamedina.net/wp-content/uploads/2014/10/What-is-in-Mecca.jpg>>.

Figura 04 - Intérieur de la Grande Mosquée Turque [Documento icónico] : sépia.

Figura 05 - [Documento icónico] : preto e branco. Disponível no livro: GRUBE, Ernst J. [et al.] – *Architectures of the Islamic World : its history and social meaning*. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 183.

Figura 06 - [Documento icónico] : preto e branco. Disponível no livro: GRUBE, Ernst J. [et al.] – *Architectures of the Islamic World : its history and social meaning*. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 19.

Figura 07 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 08 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 09 – La rue et la mosquee de Babdoukkala [Documento icónico] Casablanca: Edition L.M.: sépia.

Figura 10 – Fez [Documento icónico]: sépia.

Figura 11 - [Documento icónico] : preto e branco. Disponível no livro: HATTSLEIN, Markus; DELIUS, Peter – *Islam : art and architecture*. China : Tandem Verlag, 2007. ISBN 978-3-8331-3534-7. p. 509

Figura 12 - Ilustração produzida pela autora.

Figura 13 - [Documento icónico] : preto e branco. Disponível no livro: GRUBE, Ernst J. [et al.] – *Architectures of the Islamic World : its history and social meaning*. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 18.

Figura 14 - [Documento icónico] : preto e branco. Disponível no livro: GRUBE, Ernst J. [et al.] – *Architectures of the Islamic World : its history and social meaning*. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 119.

Figura 15 – Ilustração produzida pela autora.

Figura 16 – Mahomet est né à La Mecque où se trouve la Kaaba, le principal lieu saint de l'islam. [Documento icónico]. 1952 : Keystone : sépia. [Consult. 24 Out. 2019]. Disponível na internet: <URL: https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/unclassified-2/photo-l-islam-1952-mahomet-est-ne-a-la-mecque-ou-se-trouve-la-kaaba-principal-lieu-saint-de-l-islam-legende-809833846.html>.

Figura 17 – Place de l'Hippodrome – Blue Mosque [Documento icónico] : preto e branco.

Figura 18 – Mosquee Karaouyine [Documento icónico]: cores.

Figura 19 – Ilustração produzida pela autora.

Figura 20 – T. RUFFLE - Portada del mihrab [Documento icónico] : cores. Disponível no livro: GRUBE, Ernst J. [et al.] – NIETO CUMPLIDO, Manuel; LUCA DE TENA Y ALVEAR, Carlos - *La Mezquita de Córdoba: planos y dibujos*. Córdoba: Colegio oficial de arquitectos de andalucia occidental, 1992. ISBN 84-88075-09-X, p. 33.

Figura 21 - [Documento icónico] : preto e branco. Disponível no livro: GRUBE, Ernst J. [et al.] – *Architectures of the Islamic World : its history and social meaning*. 2ª ed. Reino Unido : George Michell, 2011. ISBN 978-0-500-27847-5, p. 21.

Figura 22 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 23 – Ilustração produzida pela autora.

Figura 24 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 25 – [Documento icónico] : preto e branco. Disponível no livro: LE CORBUSIER – *Turkish architecture and urbanism through the eyes of L.C.*. Istanbul : Boyut, 2010. ISBN 978-975-23-0147-4, p. 88.

Figura 26 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 27 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 28 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 29 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 30 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 31 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 32 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 33 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 34 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 35 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 36 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 37 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 38 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Figura 39 – Fotografia da autora, Istambul, Junho de 2019.

Trabalho Prático submetido como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Tutor:

Professor Doutor Pedro Alexandre Aguiar Mendes, professor auxiliar, ISCTE-IUL



UMA VÍRGULA NA HISTÓRIA

A	O LUGAR ANÁLISE	p. 112
B	ESTRATÉGIA DE GRUPO ANÁLISE EIXO AMARELO INTERVENÇÃO DE GRUPO	p. 118 p. 122 p. 1245
C	PROPOSTA INDIVIDUAL LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO PROPOSTA INDIVIDUAL AO JESUÍTAS NOVA SEDE DE ESCOTEIROS	p. 128 p. 130 p. 132 p. 138

A

O LUGAR



ORTOFOTO DE CARCAVELOS, CASCAIS

O LUGAR: ANÁLISE

Carcavelos, um território em simbiose com o mar, sofre duas grandes transformações que ditam o que até hoje é o território urbano. Nelas estão incluídas a construção da linha férrea, abertura do primeiro troço Cascai-Pedrouços em 1889, e a construção da estrada Marginal, concluída em 1942.

A construção da linha férrea de Cascais permitiu uma grande redução do tempo de transporte entre Lisboa-Cascais. Para além disso, foi um forte motor do desenvolvimento urbano de toda a linha, inclusive Carcavelos, o que promoveu uma barreira entre o litoral e o interior do território. Mais tarde, com a construção da autoestrada este fenómeno veio a acentuar-se com a introdução de uma nova barreira, de escala superior.

A construção da estrada Marginal, na década de 1940, esteve na origem de uma profunda remodelação da malha antiga da vila – demolição de alguns marcos históricos, como, o Casino da Praia – a nova via transformar-se-ia no eixo principal do concelho, atualmente a apar com a Autoestrada, a sua construção catapultou uma rápida expansão do litoral.

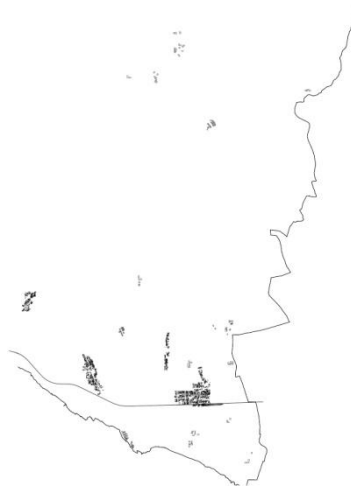
Atualmente deparámo-nos com um território altamente construído, com uma forte carácter balnear – possivelmente a praia mais procurada da linha de Cascais – genericamente apenas dormitório de quem habita Carcavelos. Em 2018, com a passagem da Nova School of Business and Economic para Carcavelos a especulação imobiliária e a procura de habitação temporária disparou, uma forte questão que levanta a necessidade de uma nova resposta no território. O projeto para a Quinta dos Ingleses, que visa na construção massiva do lugar, insere-se na onde da massificação do território. Do qual, não compreende, de todo, o que o território necessita – falamos do ultimo espaço verde junto à praia, do último território não construído do espaço urbano envolvente. A Arquitetura constrói o que idealmente queríamos ser, será que é isto que queremos tornar Carcavelos?



1 CARCAVELOS (Costa do Sol) — Avenida da Estação



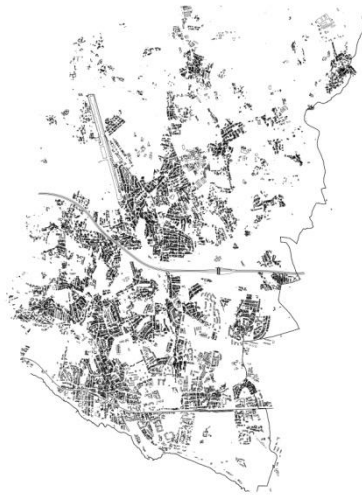
1912



1935



1970



1992



2009

EVOLUÇÃO DO EDIFICADO

B

ESTRATÉGIA DE GRUPO

ESTRATÉGIA DE GRUPO: ANÁLISE

A Quinta da Alagoa, em tempos uma importante quinta agrícola, é hoje um dos pulmões de Carcavelos. A escolha deste local de intervenção, localizado em Carcavelos, deve-se à singularidade formal e histórica, que nele está presente. A Quinta da Alagoa foi uma propriedade agrícola com um historial de exploração multiseccular, existe registo de atividade à data de 1407, atualmente está inserido num parque verde. Toda a construção encontra-se com acesso interdito, devido ao seu estado de ruína, com a exceção da antiga adega, que se encontra a ser explorada pelo agrupamento de escoteiros.

A última intervenção no Parque da Quinta da Alagoa, em 2006, ficou pela metade criando um limite imaginário e incompreensível entre a parte tratada e outra parte deixada, praticamente, ao abandono sendo explorada pelo agrupamento de escoteiros de Carcavelos aos fins-de-semana.



EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA DOS EIXOS ESTRUTURANTES DA MALHA URBANA E DA DEFINIÇÃO DOS LIMITES DA QUINTA DA ALAGOA



FOTOGRAFIA ANTIGA DA QUINTA DA ALAGOA

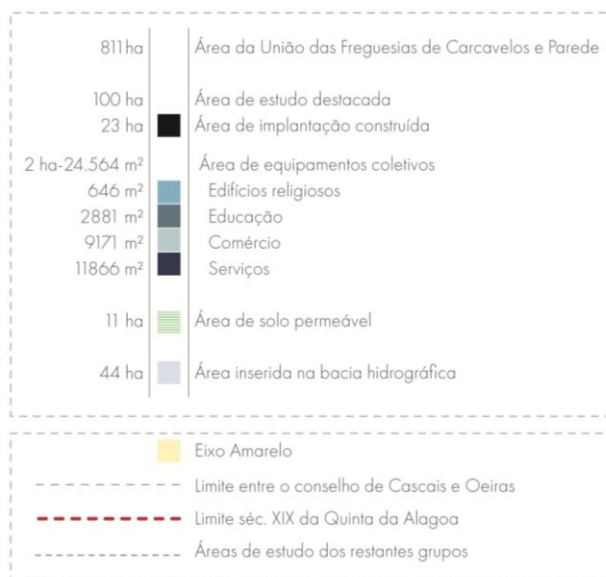


ESCALA 1:25 000



EIXO AMARELO

Uma das primeiras características notadas na Quinta da Alagoa foi o alinhamento entre o corredor exterior que atravessa o Chalet e o portão norte da quinta. Numa escala menor, em planta, compreende-se que este alinhamento, prolongando-se para norte e para sul – cruza pontos notáveis do território tais como estabelecimentos de ensino, a fábrica da Legrand, a estação ferroviária de Carcavelos e, por fim, a praia. Recuando no tempo e analisando antigas cartas militares, é possível identificar que o designado “eixo amarelo” tem uma história multiseccular. Atualmente, estando interdita ao público, a Quinta da Alagoa constitui um obstáculo na permeabilidade do eixo e é desperdiçada a possibilidade da ligação entre a parte norte do território e a parte a sul – centro de Carcavelos. Para além do atravessamento da quinta, esta também tem potencial para a criação de espaço de permanência devido à sua grande dimensão. Alterando o sentido dos eixos viários a sul da quinta, foi possível o alargamento do passeio pertencente ao eixo, melhorando a circulação pedonal. Tanto o projeto de grupo como os projetos individuais foram desenvolvidos atendendo ao potencial do eixo, fortalecendo o atravessamento do mesmo na Quinta da Alagoa de forma a torná-la um ponto notável do território.



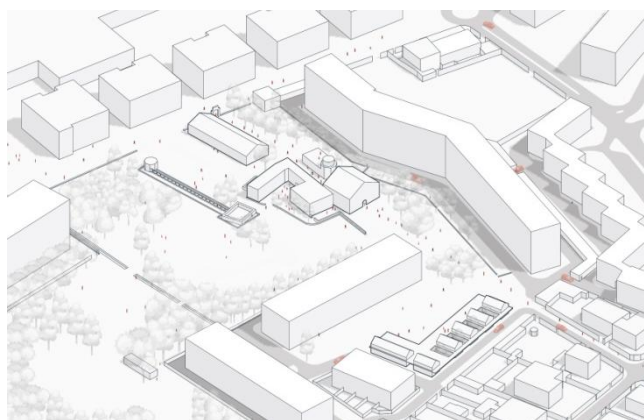
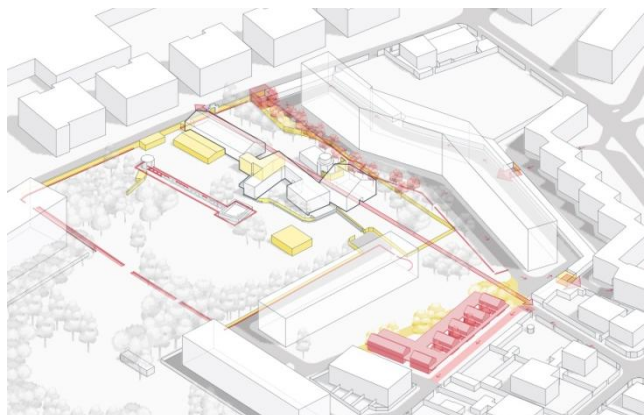
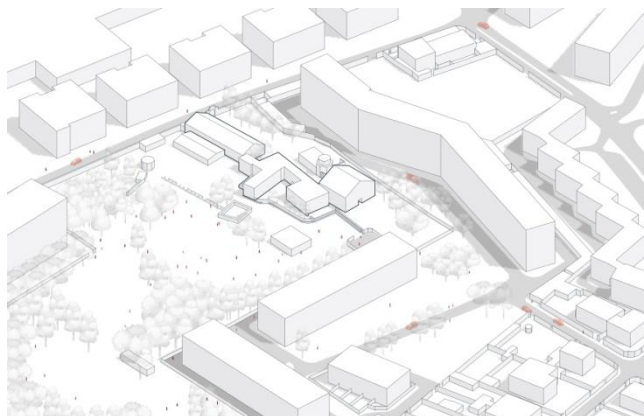


ESTRATÉGIA DE GRUPO: INTERVENÇÃO

A estratégia consiste em completar o Parque, potencializar este espaço e torná-lo parte integrante do jardim da Quinta da Alagoa que é o resultado de sucessivas reduções dos seus limites ao longo dos últimos séculos. Esta metade atualmente encerrada ao público, devidamente trabalhada, pode não só servir o Parque como tornar-se um centro para todos os que vivem Carcavelos e Parede, quer sejam moradores, quer sejam pessoas que usufruem a freguesia devido à sua profissão ou estudos resultantes do crescimento da zona em função da criação de novas empresas e instituições de ensino.

O Parque da Quinta da Alagoa pode ser potencializado através do aumento de espaços verdes, da criação de novos serviços e do restabelecimento de conexões.

O projeto consiste em: devolver resquícios da quinta e torná-los parte integrante do jardim, aumentando a área de espaços verdes; transformar o espaço atualmente interditado devido às ruínas num espaço público sem limites físicos durante todo o dia e noite garantido, assim, um espaço permeável 24 horas por dia; tratar os acessos viários e pedonais que envolvem ou se dirigem à quinta de forma a torná-la parte integrante do território; ocupar parte do espaço com edifícios de habitação temporária e que garantam vida na quinta 24 horas; criar serviços para que beneficiem a comunidade tais como espaços de âmbito polivalente, de restauração e de estudo; recolocação dos escoteiros, num novo edifício, dentro dos novos limites do jardim;



ANTES
ALTERAÇÕES
DEPOIS

C

PROPOSTA INDIVIDUAL

PROPOSTA INDIVIDUAL: LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO





PROPOSTA INDIVIDUAL

A intervenção, na Quinta da Alagoa, integra um plano estratégico de grupo que visa em potenciar a ruína e torna-lo parte integrante do jardim, através do aumento de espaços verdes criação de novos serviços e do restabelecimento de conexões. O projeto de grupo consiste em transformar o espaço atualmente interditado em espaço público, permeável 24 horas, e garantindo o fecho noturno na zona com mais densidade arbórea.

A ocupação do edificado destina-se a habitação temporária, que garante a ocupação do espaço durante todo o dia, criação de serviços que beneficiam a comunidade tais como restauração, zonas de estudo e espaços de uso recreativo/ preformativo. Os escoteiros serão "realojados", num novo edifício, implantado dentro do espaço verde do parque proposto.

Os edifícios, desenvolvidos apenas por mim, serão a antiga casa jesuíta, onde se encontra a capela, e o novo volume proposto para os escoteiros. O edifício jesuíta, terá como programa habitação temporária, destinada essencialmente para turismo. A intervenção neste edifício respeita a atmosfera do espaço, acentua os valores inerentes no edificado, mantém as qualidade que adquire enquanto ruína e não é o propósito de revitalizar o que outrora existiu. Apesar de, tentar, ser uma intervenção respeitosa e ligeira não deixa de ser um marco do nosso tempo. O novo edifício, tem como objetivo dar resposta as necessidades dos escoteiros, atualmente alojado num local com falta de condições e de espaço, mantendo o sua sede no interior da quinta da Alagoa, para manter ligação com o lugar.



HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES

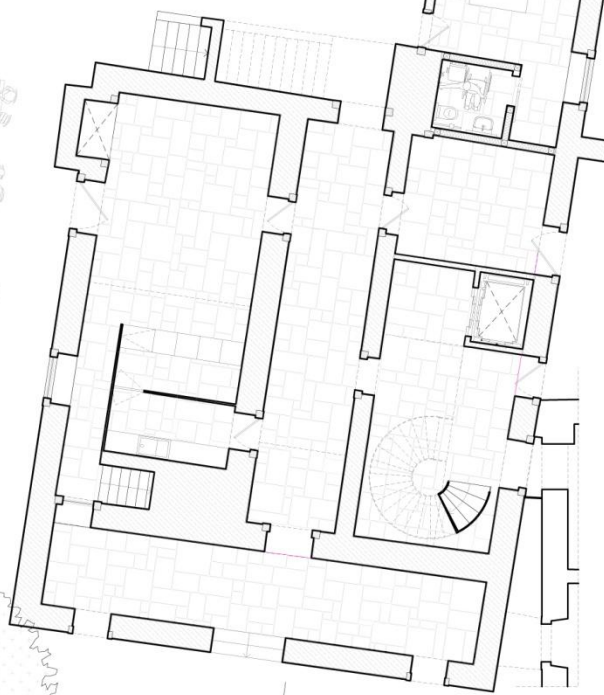
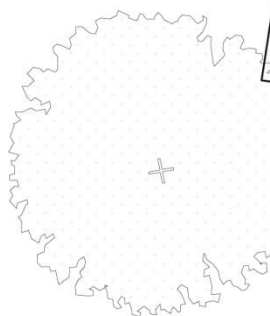
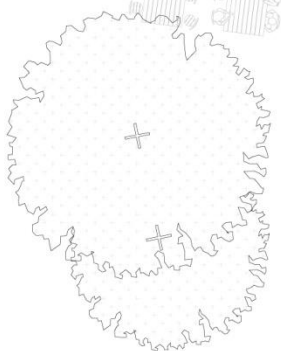
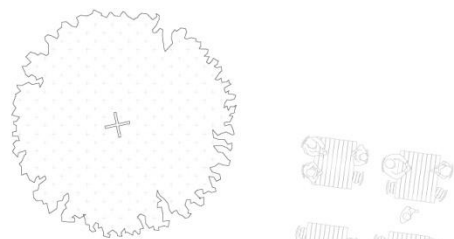
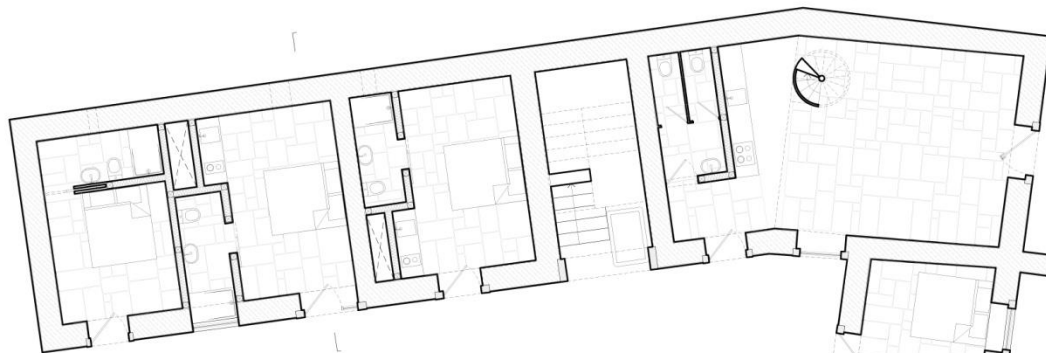
RECEÇÃO

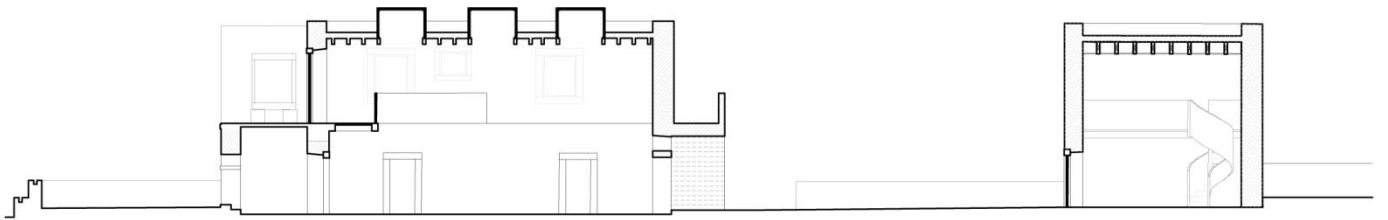
SALA POLIVALENTE

NOVA SEDE DE ESCOTEIROS

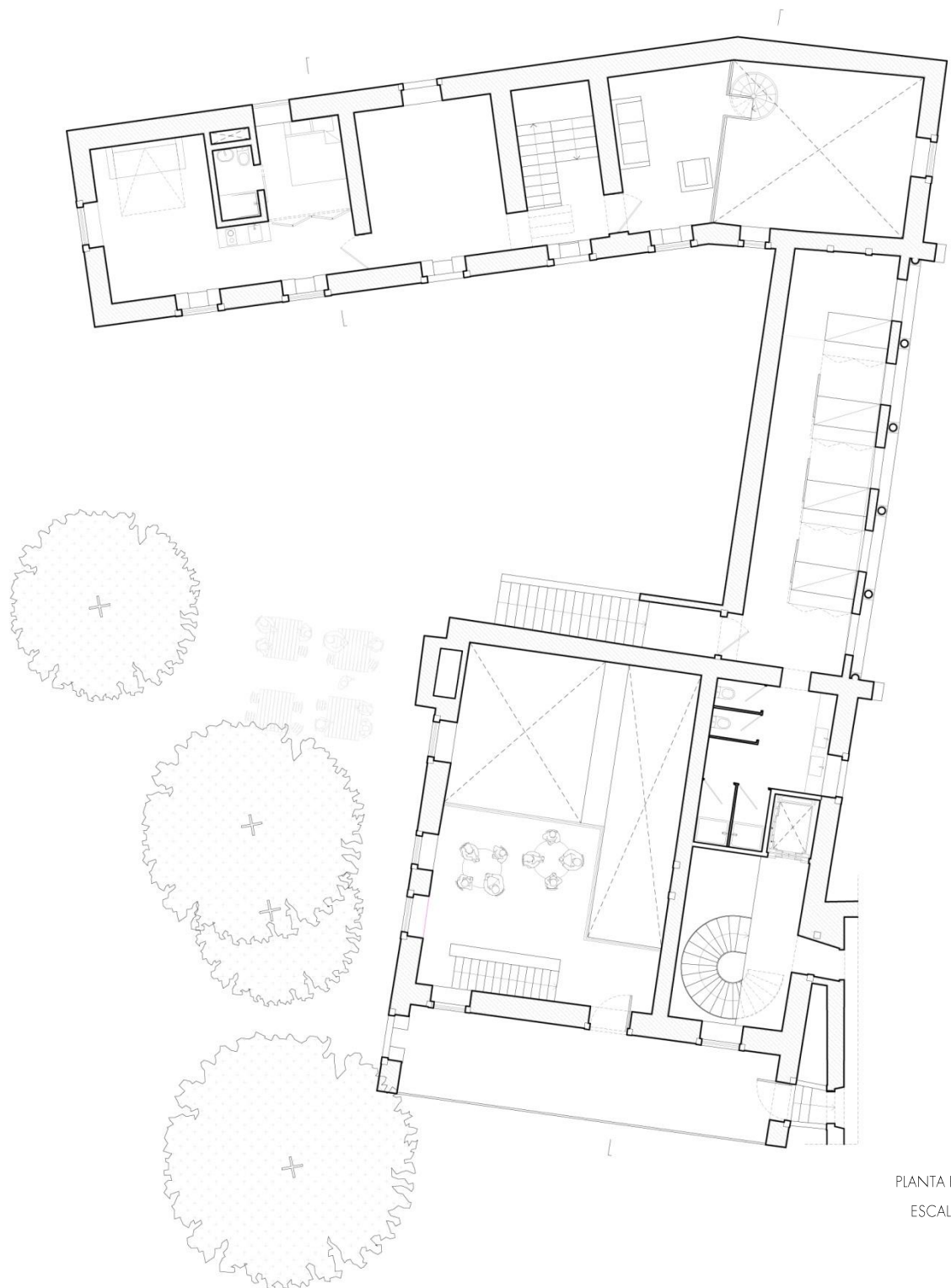


PROPOSTA INDIVIDUAL:HABITAÇÃO TEMPORÁRIA – OS JESUÍTAS





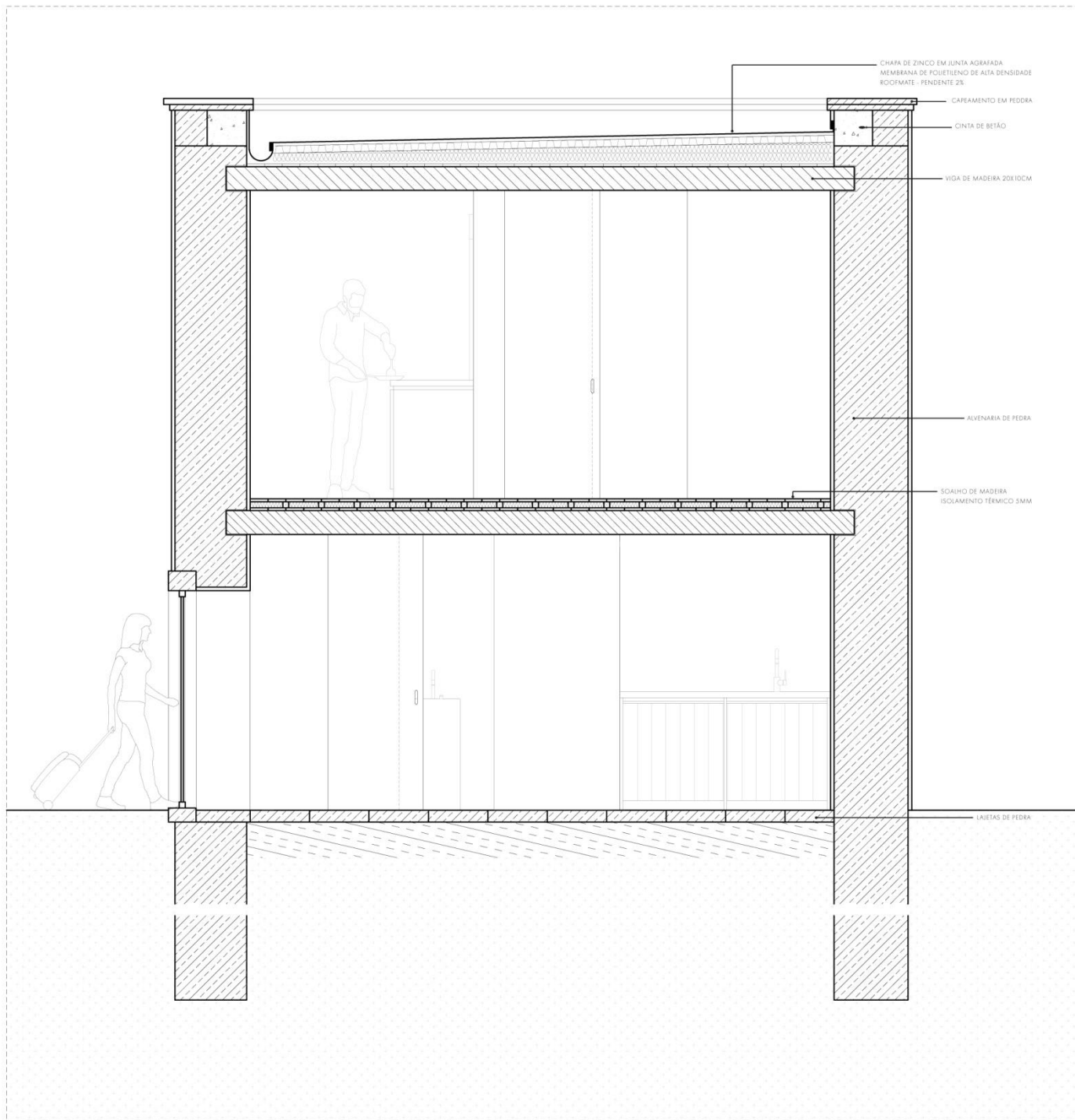
CORTE AA
ESCALA 1:250



PLANTA PISO 01

ESCALA 1:200

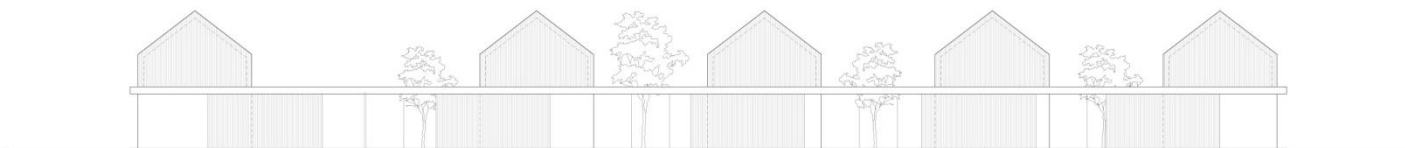




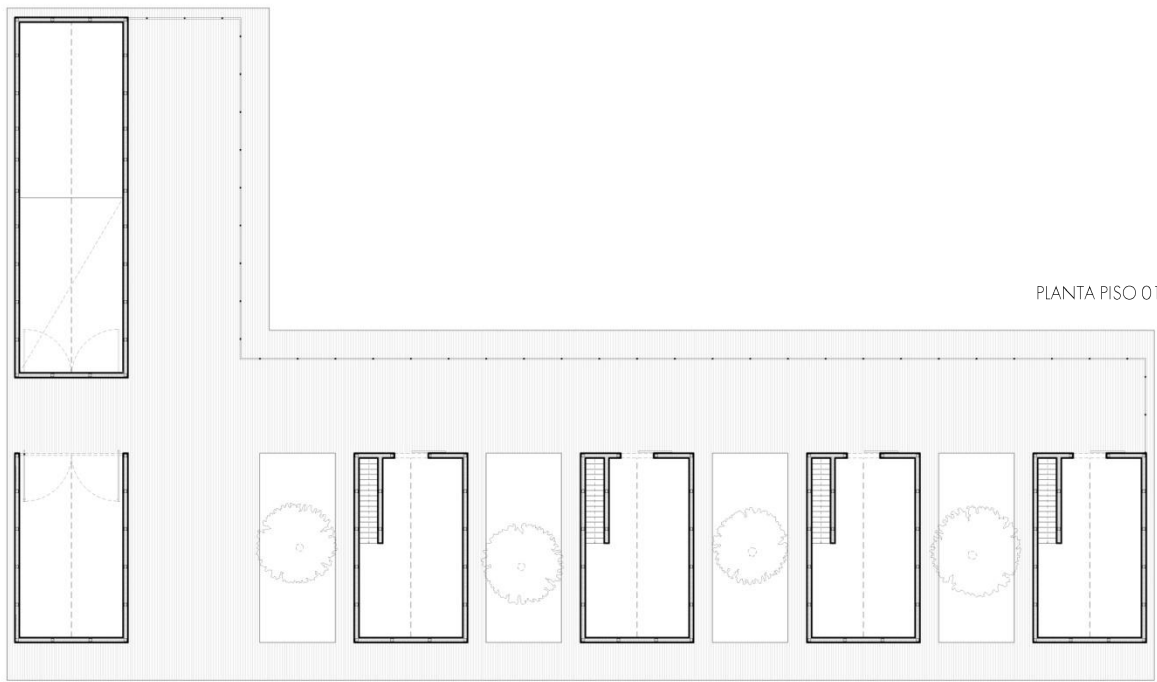
CORTE ESCALA 1:50



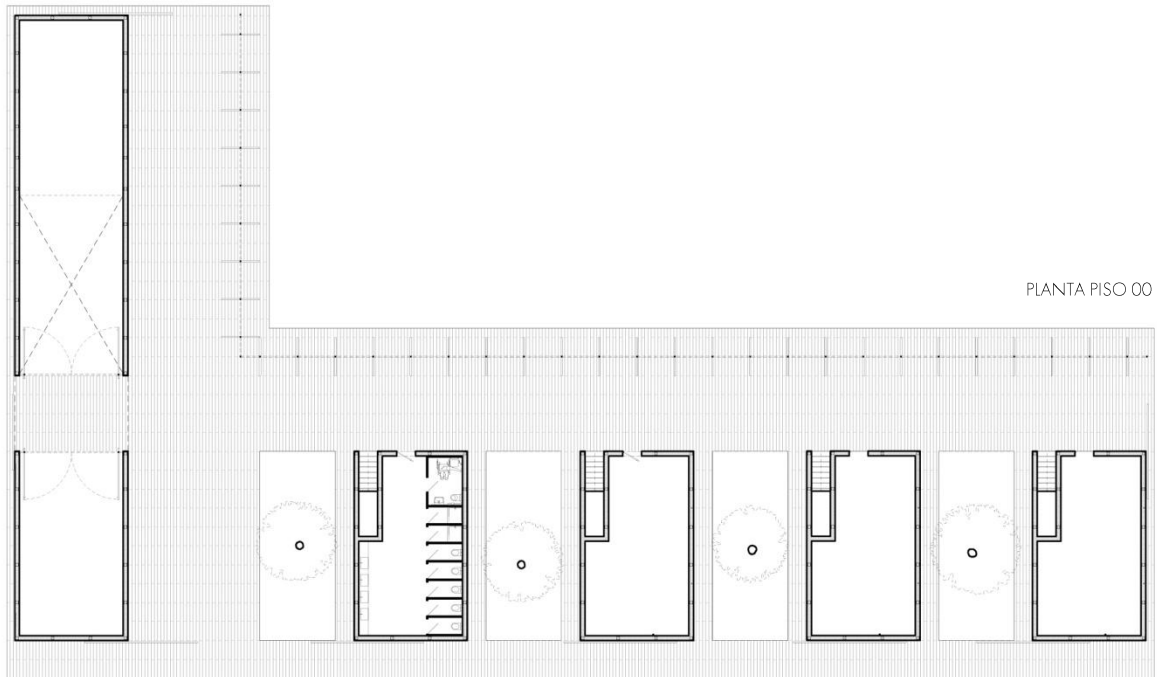
PROPOSTA INDIVIDUAL:HABITAÇÃO TEMPORÁRIA – OS JESUÍTAS



ALÇADO SUL
ESCALA 1/400



PLANTA PISO 01



PLANTA PISO 00

